



Laodiceia

15

COMO VIVER ATÉ
AOS CEM ANOS
Descubra!

20

POR QUE RAZÃO TANTOS
ESTÃO A DEIXAR A IGREJA?
As razões deste êxodo.

26

ENCONTRO PROVIDENCIAL
Sorte?!



1 646188 622086

PUBLICADORA SERVIR
AGOSTO 2022
N. 903 | ANO 83 | €1,90

3º Discípulo

Vem e Segue-me

"Eis que cedo venho." A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-lo melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL **revista.adventista@pservir.pt**

COLABORADORES DE REDAÇÃO **Manuel Ferro**

DESIGN GRÁFICO **Rita Mendes Sadio**

DIAGRAMAÇÃO **Joana Areosa**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **Publishadora SerVir, S. A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almagem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

MDI – Design e Impressão, V. N. Famalicão

TIRAGEM **1000 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

PREÇO NÚMERO AVULSO **1,90€**

ASSINATURA ANUAL **19,00€**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO E. R. C.

DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.



A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..

agosto

D	S	T	Q	Q	S	S
31	[1]	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
[28]	29	30	31	1	2	3

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

2-6 CONGRESSO INTERNACIONAL JA (FINLÂNDIA)

7-17 ACNAC COMPANHEIROS E EMBAIXADORES

18-28 ACNAC FAMÍLIAS

21-28 IMPACTO

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

1-5 INSTITUTO TEOLÓGICO SAZAVA (CSU)

8-12 CASA DE REPOUSO NEANDERTAL (NGU)

15-19 ASSOCIAÇÃO DA SUÍÇA FRANCESA E ITALIANA (SWU)

22-26 ASSOCIAÇÃO DO NORTE DE FRANÇA (FBU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[1] SEGUNDA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[28] DOMINGO

setembro

D	S	T	Q	Q	S	S
28	29	30	31	1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	[12]	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	[26]	27	28	29	30	1

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

3 DIA DA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA

10 ENCONTROS DE MORDOMIA

11 DIA NACIONAL DE ORAÇÃO DAS FAMÍLIAS

17 DIA DO DESBRAVADOR

24 DIA DOS AMIGOS DA ESCOLA SABATINA

25 DIA NACIONAL DO VOLUNTARIADO DA ADRA

25 e 26 ORAÇÃO 5.6 / 6.7

28/9-6/10 ABRAÇAR O MUNDO

30/9-3/10 ENCONTRO DOS 60+

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

29/9-2/10 ASSOCIAÇÃO DA MOLDÁVIA (ROU)

5-9 CASA DE REPOUSO DE FRIEDENSAU (NGU)

12-16 UNIÃO SUÍÇA (SWU)

19-23 FUNDAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO ASD NA ALEMANHA (EUD)

26-30 PUBLICADORA SERVIR (PTU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[12] SEGUNDA-FEIRA

[26] SEGUNDA-FEIRA

[FH] RTP2 ENTRE AS 15:00 E AS 15:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 22:47

[C] RTP2 ENTRE AS 10:00 E AS 10:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 06:00

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

Índice

04

EDITORIAL

Laodiceia

26

TESTEMUNHO

Encontro providencial

A providência de Deus em ação.

28

PÁGINA DA FAMÍLIA

E a família, vai bem?

*Como está, na realidade,
a nossa família?*

30

ESPAÇO JUVENIL

A mensagem

à Igreja de Laodiceia

Queres saber mais?

33

ESPÍRITO DE PROFECIA

Espírito Laodiceano

Rejeite o espírito de Laodiceia!

34

MEMÓRIAS DA NOSSA HISTÓRIA

Para a história da Escola
Sabatina em Portugal

*O relato pitoresco da experiência de
um pioneiro Adventista português.*

46

Notícias Nacionais.



DESCOBRIR

05

Laodiceia e a
escatologia Adventista

*As provas de que Laodiceia
representa a última Igreja.*



DESENVOLVER

15

Como viver até aos cem anos

Descubra o segredo da longevidade.



DAR

20

Por que razão tantos
estão a deixar a Igreja?

*As razões do êxodo de
membros da nossa Igreja.*



EDITORIAL

Pr. José Lagoa

Presidente da UPASD

Laodiceia

A palavra grega traduzida por “Igreja”, *ekklesia*, significa, de uma forma literal, “um ajuntamento de pessoas chamadas para fora”. Percebemos então que, pela Bíblia, a Igreja é chamada para fora, isto é, para servir. Em cada recanto da Bíblia vemos um Deus que nos chama para uma missão especial. Um Deus maravilhoso que chama cada indivíduo a viver uma experiência com Ele. Um Deus que nos está a preparar para vivermos num lugar especial.

O livro de Apocalipse, no capítulo três, fala-nos sobre uma igreja conhecida pelo nome de Laodiceia. Uma das características desta igreja é que, apesar de ser chamada para fora, a igreja está centralizada dentro. Uma igreja que vive apenas o acessório, em vez de estar focada no essencial.

É interessante que, na Sociedade de hoje, o que importa não é a substância, mas o estilo ou a experiência que proporciona. Essa é uma grande notícia para as empresas de *marketing*, mas, para a Igreja, significa que a Sociedade se acostumou a valorizar o estilo e a experiência acima do essencial.

“Naturalmente, o estilo e a experiência do culto, por exemplo, são importantes. Mas, se colocamos uma ênfase exagerada nesses atributos apenas, podemos perder de vista o essencial: Jesus.” – Vanesa Pizzuto, “Mais de Jesus”, *Diálogo* 27/3 (2015): 14-16, 34.

Esse era o grande problema de Laodiceia. Os seus membros perderam o foco. Na tentativa de garantir a “satisfação do cliente”, deixaram de agradar a Deus. Substituíram o desejo de agradar a Deus pelo desejo de agradar a congregação.

“Embora as pessoas devam sentir-se amadas e acolhidas na Igreja, *o desejo de agradar a congregação nunca deve substituir o desejo de agradar a Deus*. Se isso acontecer, poderemos acabar pregando sermões para que as pessoas se sintam bem, para manter o *status* e evitar oscilações na audiência.” – Vanesa Pizzuto, “Mais de Jesus”, *Diálogo* 27/3 (2015): 14-16, 34.

O estado de Laodiceia é deplorável diante do Senhor. “Que maior ilusão pode sobrevir ao espírito humano do que a confiança de se acharem justos, quando estão totalmente errados! A mensagem da Testemunha Verdadeira encontra o povo de Deus em triste engano, todavia sinceros em seu engano.” – Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 1, p. 327.

O mais triste na mensagem de Laodiceia é que Jesus ficou do lado de fora da porta. Precisamos de nos focar em Jesus, em vez de nos focarmos em nós mesmos e nos nossos problemas. Jesus quer entrar dentro da Igreja.

O Seu maior desejo é sentar-Se no trono do teu coração. Queres deixá-l’O entrar?!



Clinton Wahlen
*Diretor-Associado do Biblical
Research Institute*

*Retirado da revista
Ministry de dezembro de
2020.*

LAODICEIA E A ESCATOLOGIA ADVENTISTA

O presente estudo, ao examinar a carta a Laodiceia como um caso de investigação, é uma tentativa de estabelecer se uma abordagem exegética proverá apoio adicional à interpretação profética destas sete cartas.

As cartas às sete igrejas de Apocalipse 2 e 3 têm sido tradicionalmente compreendidas pelos Adventistas do Sétimo Dia como sendo uma profecia sobre os sete períodos da história da Igreja.¹ Os comentadores Adventistas recentes, embora não excluindo totalmente a possibilidade de uma aplicação profética secundária, têm tido a tendência para interpretá-las como se interpretam as restantes cartas do Novo Testamento, focando-se no contexto local do primeiro século destas sete cidades como sendo o que está *primeiramente* em questão.² Esta nova abordagem tem sido criticada, comparando-se o género, a estrutura e o conteúdo destas cartas com a estrutura global do livro de Apocalipse, e a aplicação profética destas cartas à história da Igreja recebeu apenas uma breve discussão em estudos anteriores.³ O presente estudo,

Comparando as sete cartas com a história cristã, descobrimos que elas parecem ajustar-se bem à condição da Igreja em períodos sucessivos, começando com uma experiência de “primeiro amor” remanescente da era apostólica, mas diminuindo já no tempo de João, e concluindo com uma descrição da abundância materialista, que se ajusta à Igreja moderna.

ao examinar a carta a Laodiceia como um caso de investigação, é uma tentativa de estabelecer se uma abordagem exegetica proverá apoio adicional à interpretação profética destas sete cartas.

Depois de um breve resumo dos pontos salientes deste artigo, argumentar-se-á que a combinação de informação literária, histórica e arqueológica poderá ser útil para se compreender a aplicação profética de uma dada carta.

VISÃO GERAL DAS SETE CARTAS

As cartas às sete igrejas deveriam ser vistas no interior da estrutura alargada do livro de Apocalipse, mais particularmente, em ligação com as referências temporais específicas de Apocalipse 1:19 e 4:1, que indicam que estas cartas dizem respeito (de um ponto de vista do primeiro século) tanto a circunstâncias presentes, como futuras, enquanto aquilo que se segue a 4:1 diz respeito primeiramente ao futuro.⁴ Além do mais, o facto de que estas cartas provêm do próprio Jesus; de que elas usam imagens apocalípticas da visão de Apocalipse 1:9-20 e exibem uma estrutura fixa, uma simetria e um arranjo quiástico; de que elas respondem a preocupações universais, não apenas a assuntos de interesse local; e de que elas representam o primeiro de quatro septetos no livro de Apocalipse – tudo isto sugere que, como o resto do Apocalipse, elas foram concebidas para serem primeiramente compreendidas profeticamente.

Comparando as sete cartas com a história cristã, descobrimos que elas parecem ajustar-se bem à condi-

ção da Igreja em períodos sucessivos, começando com uma experiência de “primeiro amor” remanescente da era apostólica, mas diminuindo já no tempo de João, e concluindo com uma descrição da abundância materialista, que se ajusta à Igreja moderna. A descrição progressiva da história da Igreja nestas cartas, desde o século II em diante, foi delineada anteriormente da seguinte forma: “A perseguição descrita em ligação com Esmirna ajusta-se bem à perseguição que Roma moveu aos Cristãos nos primeiros séculos, que foi seguida pela assimilação da cultura romana pagã no Cristianismo, evidentemente refletida nas tendências sincréticas que afligem Pérgamo e Tiatira. [...] A carta a Tiatira é notável pela sua extensão, o que se ajusta bem ao longo período do domínio da Igreja durante a Idade Média. [...]”

“[É também onde] ouvimos pela primeira vez falar de ‘fé’ e de ‘amor’ e de que as *últimas* obras de Tiatira ex-

cedem as primeiras – uma descrição que se ajusta bem ao início da Reforma (2:19). [...] Quando chegamos a Sardo, as reformas ficaram paradas e parecem estar quase moribundas. Finalmente, as designações que Jesus usa para Se descrever às igrejas de Filadélfia e de Laodiceia, em vez de apontarem retrospectivamente para o capítulo primeiro, apontam prospectivamente para o juízo e para o Segundo Advento.”⁵

Esta última frase, que se refere especialmente à carta a Laodiceia, será trabalhada neste estudo. Como se tornará evidente, não são apenas as designações iniciais de Jesus, mas também vários outros indicadores na carta, que sugerem uma aplicação ao tempo do juízo e do Segundo Advento.

VENDO LAODICEIA MAIS DE PERTO

A colocação da carta de Laodiceia como a sétima na sequência mencionada em Apocalipse 2 e 3 sugere completude.⁶ Sendo a *última* igreja das sete,



como o sétimo item dos outros setetos, também sugere a chegada a um fim. Este pensamento é apoiado pela designação de Jesus como “o Ámen” (Apocalipse 3:14), uma palavra usada em quatro outras ocorrências no Apocalipse, tal como no Novo Testamento mais geralmente,⁷ para concluir uma declaração como a Sua palavra final.⁸ Nas três outras instâncias, ela afirma a veracidade do que acabou de ser dito.⁹ É também esta a forma como Jesus usa a palavra nos Evangelhos, exceto que, aí, ela refere-se ao que Ele *está prestes a dizer*.¹⁰ A palavra também é associada com juramentos em contextos legais¹¹ e, provavelmente, alude ao “Deus da verdade”, que cria novos céus e nova Terra, em Isaías 65:16 e 17,¹² uma passagem que liga essa designação com o *eschaton* tal como é apresentado em Apocalipse 21 e 22.

A referência a Jesus como “a testemunha fiel e verdadeira” (Apocalipse 3:14) aparece, numa forma quase idêntica, como um título de Jesus em

Apocalipse 19:11, onde descreve o Seu Segundo Advento e a Sua vinda para executar o juízo.¹³ Em contraste com isto, a última designação de Apocalipse 3:14, “o *princípio* [ou “origem”, *archê*] da criação de Deus”, parece não ter qualquer ligação com o fim. Pode ver-se esta designação à luz de títulos divinos semelhantes em Apocalipse (“o Alfa e o Ómega”, “O Primeiro e o derradeiro”, “o Princípio [*archê*] e o Fim”),¹⁴ exceto que, então, esperaríamos que este título fosse apresentado primeiro e o “Ámen” fosse apresentado em último lugar. Tal como está, a ordem oposta é notável: o título que se refere ao começo está no fim e o título que se refere ao fim está no começo.

Outra possibilidade é que este terceiro título, apesar da explícita referência a Jesus como a Origem¹⁵ da criação de Deus (*ktisis* é usado apenas aqui no Apocalipse), pode, de facto, estar também ligado com o *eschaton*. Tirando o hino dos anciãos, em Apocalipse 4:11, o único outro uso de *ktizô* ocorre em Apo-



calipse 10:6, que enfatiza a proximidade do fim.¹⁶ A Criação também é referida na proclamação final antes da vinda de Jesus (Apocalipse 14:7; cf. vv. 14-16). Aparentemente, a Criação torna-se num problema no fim, uma ideia também sugerida por II Pedro 3:5. Em Apocalipse 13 e 14, o teste final ligado à marca da besta assenta no conflito do verdadeiro culto com o falso. Parece mesmo haver uma tentativa, por parte da segunda besta, para imitar o poder criador, ao dar “fôlego” (*pneuma*) à imagem da besta, para que ela pareça estar viva (Apocalipse 13:15; cf. Gênesis 2:7). É com esta questão, que envolve o verdadeiro culto ao Criador, que estão relacionadas, no fim de contas, as mensagens dos três anjos de Apocalipse 14:6-12, e é ela que já é indiciada como sendo uma questão importante no fim, quando Jesus é mencionado como o *archê* da Criação.

Com a sua menção dos Mandamentos, e do mandamento do Sábado de Êxodo 20:11, em particular, esta última passagem sugere que, ligado com o apelo à adoração ao Criador, há uma ênfase renovada no Sábado como o sinal externo de lealdade a Ele. A importância da obediência é especialmente sublinhada nesta secção do livro (Apocalipse 12:17; 14:12). Portanto, provavelmente não é por acaso que a sétima igreja é chamada pelo Criador para desfrutar de uma relação mais próxima com Ele,¹⁷ simbolizada com tons escatológicos¹⁸ pelo ato de se comer junto (3:30),¹⁹ numa época em que deve ser feito ao mundo um apelo geral para se adorar no sétimo dia. A tempestividade deste apelo, que começou em meados do século XIX, é

Com a sua menção dos Mandamentos, e do mandamento do Sábado de Êxodo 20:11, em particular, esta última passagem sugere que, ligado com o apelo à adoração ao Criador, há uma ênfase renovada no Sábado como o sinal externo de lealdade a Ele.

extraordinária, à luz dos desafios modernos ao relato da Criação de Gênesis, que começaram por essa altura.

Outra ênfase importante, tanto da carta a Laodiceia, como de Apocalipse 14, é a mensagem do Evangelho (Apocalipse 3:17-19; 14:6 e 7). Enquanto o apelo ao arrependimento está presente em muitas das cartas às igrejas (mas não em todas),²⁰ referências a obras, sejam explícitas ou implícitas, estão presentes em todas.²¹ No entanto, a necessidade de perdão ou de purificação é raramente declarada, ainda que implicitamente, embora a introdução do livro e algumas referências espalhadas nele se refiram claramente ao sacrifício de Cristo (Apocalipse 1:5; 5:9; 7:14; 14:3 e 4; 19:8; 22:14). A única referência explícita ao Evangelho (*euangelion*) ou à sua pregação (*euangelizô*), para além de Apocalipse 14:6 (em que ocorrem tanto o substantivo, como o verbo), é em Apocalipse 10:7, que também se encontra num contexto escatológico.

A ANTIGA CIDADE

Supondo que estas sete igrejas têm um significado simbólico,²² uma compara-

ção desta carta com a antiga cidade de Laodiceia revela alguns contrastes flagrantes. Enquanto a cidade era famosa pelas suas vestes de lã *negra*,²³ a Igreja necessita de vestidos *brancos*, o que, baseado no uso da palavra *himátion* anteriormente neste capítulo, se refere ao desenvolvimento do caráter cristão (Apocalipse 3:4 e 5; cf. 19:8).²⁴ Ao mesmo tempo, aqueles que são finalmente vitoriosos branquearam as suas vestes ao lavá-las no sangue do Cordeiro (Apocalipse 7:14; cf. 22:14), sugerindo a necessidade tanto da justificação, como da santificação. Sem estas vestes brancas, a atual condição de nudez de Laodiceia deixá-la-á despreparada para o regresso de Cristo, que virá como um ladrão (Apocalipse 16:15).

As outras duas necessidades de Laodiceia também sublinham a proximidade do fim. Embora a antiga cidade fosse tão próspera que não necessitou do auxílio de Roma para se reconstruir após um terramoto devastador em 60 d.C.²⁵ e, embora a própria Igreja se gabe da sua riqueza, Jesus diz que ela é pobre²⁶ e necessita de “ouro provado no fogo”, que representa uma fé testada por provações (I Pedro 1:7; cf. Lucas 18:8)²⁷ e alude ao teste que ocorrerá em ligação com a marca da besta (Apocalipse 13:10; cf. Daniel 3:17 e 18, 25).

A unção (*enchrió*) com colírio simboliza o dom do Espírito Santo (I João 2:20, 27; cf. Lucas 4:18; Atos 10:38),²⁸ que “destrói o engano próprio e restaura a visão espiritual”.²⁹ Num contexto do tempo do fim, pode referir-se a um derramamento especial do Espírito Santo. Com isto em mente, o facto de que a palavra traduzida



como “colírio” (*koll[o]urion*) também se refere àquilo que podia ser “impresso com o selo do médico”, além de referir “o barro fino em que pode ser impresso um selo”,³⁰ pode ser significativo. O selo de Deus, dado ao “Israel” remanescente fiel do tempo do fim (Apocalipse 7:2-8), destaca-se como um contraste positivo face à marca da besta dada aos que participam no falso culto. Os fiéis são, mais tarde, mostrados como estando a cantar o Cântico de Moisés e do Cordeiro, um cântico sobre a sua experiência de libertação semelhante à experiência do Êxodo.³¹

A IMINENTE VINDA DE CRISTO

Parece haver uma intensificação dos avisos sobre a iminente vinda de Cristo nas cartas para as sete igrejas.³² As primeiras referências claras são o apelo geral para “reter” o que se tem, feito a Tiatira (Apocalipse 2:25), e o aviso de que a vinda de Jesus será “como um ladrão”, feito a Sardó (Apocalipse 3:3). Mas, no contexto mais amplo



destas cartas, o tempo da Sua vinda permanece indefinido e parece ser claramente ainda futuro. Sardo também é admoestada para que acorde, porque, embora haja “uns poucos” cujas vestes são puras,³³ a Igreja como um todo está moribunda. À igreja de Filadélfia, Jesus promete que a Sua vinda está “para breve” (*tachu*, v. 11).³⁴ E quanto aos Laodiceanos, Jesus está já à porta (v. 20), enfatizando que o Seu regresso é agora realmente para breve (cf. Tiago 5:9) e que o banquete celestial está prestes a começar (Apocalipse 3:20).³⁵

Este convite para cear (*deipneō*) com Cristo, no versículo 20, aponta para a “reunião escatológica com o Amigo que é acolhido, o Senhor da *parousia*”.³⁶ Ele também clarifica quem está à espera de quem – que Jesus está à espera para que cada indivíduo (indicado pelo uso do singular) abra a “porta” para uma comunhão mais íntima com Ele.³⁷ O substantivo cognato *deipnon* aparece apenas duas vezes, e ambas as ocorrências são em Apoca-

lipse 19, que descreve o Segundo Advento. Uma refere-se ao juízo sobre os ímpios, em que as aves se alimentam dos seus cadáveres “na ceia do grande Deus” (Apocalipse 19:17). A outra instância descreve “a ceia das bodas do Cordeiro” (vv. 7-9). Aqui, como na parábola de Jesus sobre a ceia das bodas (Mateus 22:11 e 12), o requisito de se usar a veste de núpcias é enfatizado, indicando um juízo no tempo do fim que avalia a prontidão do povo de Deus que foi convidado a participar na ceia das bodas do Cordeiro.³⁸

Outra imagem ligada com a alimentação que une a santidade e o juízo é a ameaça de Jesus de vomitar Laodiceia, por causa da sua atitude morna e descomprometida (Apocalipse 3:16). Um intertexto significativo para esta passagem encontra-se no chamado “Código de Santidade” de Levítico 17-26. Israel é chamado à santidade para que a terra, onde eles estão a peregrinar, não os vomite como vomitou os Cananeus, que ali estiveram antes deles (Levítico 18:28; 20:22). Obviamente, no caso de Laodiceia, qualquer juízo negativo semelhante deve acontecer antes de entrarem na Canaã celestial, dado que o Apocalipse retrata o paraíso como estando livre não só do pecado e dos pecadores (Apocalipse 21:8, 27), mas também de tristeza, dor e morte (v. 4). O tempo pré-Advento deste juízo é confirmado no último capítulo do livro quando, depois do sinistro pronunciamento de que aqueles que são ímpios e de que aqueles que são justos devem permanecer assim, Jesus promete recompensar todos pelo que fizeram quando ocorrer a Sua vinda (Apocalipse 22:11 e 12).



Mesmo a promessa final de que aqueles que são vitoriosos em Laodiceia se sentarão com Jesus no Seu trono aponta para o tempo do fim. O único outro lugar em Apocalipse em que indivíduos redimidos são descritos como estando sentados em tronos com Cristo é na cena do juízo milenar de Apocalipse 20.³⁹ Este privilégio especial é deles, aparentemente, porque, no teste final, recusaram a marca da besta e, assim, receberam o selo de Deus (Apocalipse 20:4).⁴⁰

IMAGENS ESCATOLÓGICAS

As cartas às sete igrejas preparam os leitores para compreenderem os capí-

Enquanto algumas das outras cartas ao Segundo Advento, a carta de Laodiceia tem a referência mais urgente, com o próprio Jesus a estar à porta, a bater e a aguardar.

tulos posteriores de Apocalipse de tal modo que, quando lidos juntos, eles se interpretam mutuamente. O presente estudo identificou numerosas conexões terminológicas e literárias na carta a Laodiceia que a ligam com as porções escatológicas do livro.

As designações de Cristo em Apocalipse 3:14 apontam para questões ligadas com a receção do selo de Deus para se adorar Deus como Criador, em contraste com aqueles que recebem a marca da besta. Neste contexto do tempo do fim, as referências àqueles que guardam os mandamentos de Deus são especialmente pertinentes. O pré-requisito para esta obediência é a proclamação do Evangelho, que está implícita nos símbolos empregues no conselho a Laodiceia, mas explicitamente anunciada pelos anjos em Apocalipse 10 e 14. Enquanto algumas das outras cartas contêm referências ao Segundo Advento, a carta de Laodiceia tem a referência mais urgente, com o próprio Jesus a estar à porta, a bater e a aguardar. Num único traço brilhante, o convite para cear antecipa os dois destinos alternativos, representados pelas duas ceias de Apocalipse 19, baseados na resposta de cada indivíduo dada

a Jesus. A ameaça do juízo relembra o aviso dado a Israel enquanto ele se preparava para entrar em Canaã, mas a recompensa prometida refere-se diretamente ao privilégio único de partilhar a obra de juízo de Cristo concedido apenas àqueles que são vencedores na última grande disputa com a besta e com a sua imagem.

Embora possam ser vistos alguns vislumbres ocasionais do tempo do fim nalgumas das outras cartas, a mensagem a Laodiceia é única em termos da sua agregação, sustentada e

consistente, de imagens escatológicas. Em particular, nenhuma outra carta está tão ligada com os cruciais capítulos centrais de Apocalipse 12-14 e com as ceias especiais de Apocalipse 19. Há também os contextos primários do livro, que descrevem o Segundo Advento em detalhe. Julgando a partir deste caso de estudo, pelo menos, o estudo anterior, que sugeria uma interpretação profética para estas sete cartas (aplicando-as a períodos sucessivos na história da Igreja Cristã), parece ficar confirmado.

¹ Cf. Francis D. Nichol, ed., *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 7 of the *Commentary Reference Series* (Washington, DC: Review and Herald Pub. Assn., 1957), p. 737 e noutros lugares; Uriah Smith, *Thoughts on Daniel and Revelation* (Washington, DC: Review and Herald Pub. Assn., 1972), p. 329; Roy Allan Anderson, *Unfolding the Revelation: Evangelistic Studies for Public Presentation* (Mountain View, CA: Pacific Press Pub. Assn., 1961), pp. 7 e 8.

² Jon Paulien, "The End of Historicism? Reflections on the Adventist Approach to Biblical Apocalyptic – Part One", *Journal of the Adventist Theological Society* 14 (2003): pp. 15-43, especialmente p. 39, n23; Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ: Commentary on the Book of Revelation*, 2nd ed. (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2009), também usa geralmente uma linguagem descomprometida ao discutir a aplicação de Apocalipse 2 e 3 à história da Igreja (e.g., "Pode-se observar" ou "pode-se também aplicar corretamente", pp. 121, 142, cf. p. 88). Assumindo uma posição ecclética, que interpreta as cartas como sendo proféticas, bem como históricas e simbólicas, temos Jacques Doukhan, *Secrets of Revelation: The Apocalypse Through Hebrew Eyes* (Hagerstown, MD: Review and Herald Pub. Assn., 2002), pp. 28 e 29 e noutros lugares.

³ Clinton Wahlen, "Heaven's View of the Church in Revelation 2-3", *Journal of Asia Adventist Seminary* 9/2 (2006): pp. 145-156; cf. Clinton Wahlen, "Letters to the Seven Churches: Historical or Prophetic?" *Ministry*,

novembro 2007, pp. 12-15. Quanto à questão mais ampla de se usar uma abordagem historicista para o livro como um todo, veja Richard A. Sabuin, "Historicism: The Adventist Approach? A Response to the Challenges to Historicism", *Journal of Asia Adventist Seminary* 11/2 (2008): pp. 159-174.

⁴ Cf. Sabuin, p. 170. Quer o primeiro *kai* em 1:19 deva ser ou não lido epexeticamente (Sabuin p. 170, n60) não afeta a conclusão mais ampla de que as cartas também têm uma aplicação profética. Cf. Wahlen, "Heaven's View", pp. 147-149.

⁵ Wahlen, p. 155; Cf. Edwin Reynolds, "Now Is the Time! The Eschatology of the New Testament", *Asia Adventist Seminary Studies* 2 (1999): pp. 85-93, especialmente p. 91.

⁶ O uso do número sete para significar completude, encontrado também nas tradições de Babilónia, da Assíria e de Ugarit, conforma-se com o significado do número no Antigo Testamento (E. Otto, "sheba"; *shabuot* in G. Johannes Botterweck, Helmer Ringgren e Heinz-Josef Fabry, eds., *Theological Dictionary of the Old Testament*, trans. Douglas W. Stott [Grand Rapids: Eerdmans 2004], 14:351). O uso do sete, não apenas em ligação com a Divindade (Apoc. 1:4; 3:1; 4:5; 5:6), mas também em ligação com as imagens anti-Deus (Apoc. 12:3; 13:1; 17:3, 7, 9, 11), parece sugerir a completude da perfeição divina, por um lado, e do mal e da imitação do divino, por outro (Karl Heinrich Rengstorff, "epta ktl" in Gerhard Kittel, ed., *Theological Dictionary of the New Testament*, trans.

Geoffrey W. Bromiley [Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964], 2:632).

⁷ Rom. 1:25; 9:5; 11:36; 15:33; 16:27; Gál. 1:5; 6:18; Efé. 3:21; Fil. 4:20; I Tim. 1:17; 6:16; II Tim. 4:18; Heb. 13:21; I Ped. 4:11; 5:11; Judas 25.

⁸ Estes incluem uma doxologia (Apoc. 1:6), uma afirmação solene (v. 7) e uma oração (Apoc. 7:12); também Apoc. 5:14, concluindo a doxologia no versículo precedente. Cf. R. H. Charles, *A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John With Introduction, Notes, and Indices also the Greek Text and English Translation*, 2 vols. (Edinburgh: T. & T. Clark, 1920), 1:19.

⁹ Apoc. 7:12; 19:4; 22:20 (também, talvez, 5:14). Cf. Jer. 11:5; 28:6; Sal. 106:48; Nee. 8:6.

¹⁰ Ocorre um total de 25 vezes em João, onde é sempre duplicado: "Amém, Amém" (e.g., João 1:51; 3:3, 5, 11; 5:19, 24 e 25); um único "Amém" é semelhantemente usado por Jesus em Mateus (31 vezes), Marcos (13 vezes) e Lucas (seis vezes).

¹¹ Núm. 5:22; Deut. 27:15-26; I Reis 1:36; Nee. 5:13; Jer. 11:5; cf. 1QS1, 20; 2:10, 18, etc..

¹² E.g., G. K. Beale, *The Book of Revelation: A Commentary on the Greek Text, New International Greek Testament Commentary* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999), pp. 298-300; Grant R. Osborne, *Revelation, Baker Exegetical Commentary on the New Testament* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2002), p. 203.

13

A palavra *testemunha*, que aparece em Apocalipse em ligação com o testemunho de Jesus (Apoc. 1:5; cf. vv. 2, 9), está ausente, mas é desnecessária aqui, dado que o título “A Palavra de Deus” aparece no fim da descrição (Apoc. 19:13).

14

Apoc. 1:8; 21:6; 22:13.

15

É assim que a *NRS* o traduz; cf. Charles, *Revelation*, 1:94 (“origem” ou “fonte primeira”); semelhantemente, Osborne, *Revelation*, p. 205. Ligações intertextuais com *archê* incluem João 1:1-3; Col. 1:15-18; Heb. 1:10.

16

O *eschaton* é perspectivado aqui independentemente de o pronunciamento ser traduzido “Não haverá mais tempo” (*KJV* e *KJ21*) ou “Não haverá mais demora” (*NRSV*).

17

Veja Wahlen, “Heaven’s View”, p. 151.

18

Frequentemente observado inclui alusões à “porta” em ligação com o juízo (Mat. 24:33; Tiago 5:9) e com o banquete messiânico (e.g., Mat. 8:11; Lucas 12:35-38; Apoc. 19:9).

19

Refeições partilhadas figuram proeminentemente no ministério de Jesus (Marcos 2:15-17; 6:41 e 42; 14:22-25; Atos 1:4) e no culto da Igreja Cristã Primitiva (Atos 2:42, 46; Judas 12). Veja James D. G. Dunn, *Jesus Remembered* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2003), pp. 600 e 601; Tim Wiarda, “Revelation 3:20: Imagery and Literary Context”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 38 (1995): 203-212.

20

As cartas a Esmirna e a Filadélfia são muito positivas, sem qualquer menção de arrependimento.

21

A maior parte das ocorrências de *ergon* em Apocalipse (12 de 20) encontra-se nestas cartas. Mesmo “amor, fé, serviço e resistência paciente” são classificados como “obras” (Apoc. 2:19).

22

Veja Wahlen, “Heaven’s View”, pp. 154 e 154, n34; Wahlen “Seven Churches”, p. 13.

23

W. M. Ramsey, *The Letters to the Seven Churches of Asia and Their Place in the Plan of the Apocalypse* (London, UK: Hodder and Stoughton, 1906), p. 492. Veja Estrabão, *Geografia*, 12.8.16; *Vitruvius, Sobre a Arquitetura*, 8.3.14.

24

Várias palavras são usadas para referir as vestes em Apocalipse. Na visão inicial de João, Jesus está ves-

tido com o *podêrês* sacerdotal (Apoc. 1:13). Aqueles que são justificados no juízo e são vencedores estão vestidos com longas vestes brancas (*stolai*, Apoc. 6:11; 7:9, 13 e 14; 22:14). Vestes de linho fino (*bussinos*) são associadas tanto com Babilónia (Apoc. 18:12, 16) como com a Nova Jerusalém (Apoc. 19:8), bem como com os exércitos celestes (v. 14), mas apenas nos dois últimos casos é que estas vestes são designadas “puras” (*katharos*). Semelhantemente, os anjos que derramam as sete últimas pragas estão vestidos de puro linho (*linon katharon*, Apoc. 15:6).

25

Veja Tácito, *The Histories and the Annals* (Cambridge: Harvard University Press, 1937), 14:27; Craig S. Keener, *Revelation, The NIV Application Commentary* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2000), p. 160.

26

Para David Aune, *Revelation 1-5, Word Biblical Commentary*, vol. 52A (Dallas: Word, 1997), 1:259, esta tensão sugere a necessidade de uma interpretação figurativa.

27

Assim também Henry Barclay Swete, *The Apocalypse of St. John: The Greek Text with Introduction, Notes and Indices*, 2nd ed. (London, UK: Macmillan, 1907), p. 74; Wilfred J. Harrington, *Revelation, Sacra Pagina*, vol. 16 (Collegeville, MN: Liturgical Press, 1993), p. 75.

28

Assim Ekkehardt Muller, *Der Erste und der Letzte: Studien zum Buch der Offenbarung*, *Adventistica* 11 (Frankfurt: Peter Lang, 2011), p. 136; Oral Edmond Collins, *The Final Prophecy of Jesus: An Introduction, Analysis, and Commentary on the Book of Revelation*, rev. ed. (Eugene, OR: Wipf and Stock, 2007), p. 97 (apontando para II Cor. 2:6-16; 4:4).

29

Swete, *Apocalypse*, p. 63, referindo-se ao *elegmos* do Espírito Santo em João 16:8-11.

30

Henry George Liddell, Robert Scott, and Henry Stuart Jones, *A Greek-English Lexicon*, 9th ed. (Oxford: Clarendon, 1996), p. 972.

31

Os 144 000 são os únicos que recebem este selo do tempo do fim (Apoc. 7:4; 14:1, 3). Aqueles Laudiceanos que “compram” estes dons, isto é, aceitam o conselho de Jesus, são, por fim, “comprados” ou redimidos da Terra (Apoc. 14:3 e 4).

32

Descontando a referência introdutória do livro à Segunda Vinda (Apoc. 1:7), as duas primeiras referências à “vinda” de Jesus são referências figurativas ao juízo de Cristo sobre

o Seu povo (Apoc. 2:5, 16). Como acontece com as promessas aos vencedores, presume-se que os resultados do juízo serão dispensados na *Parousia* (Apoc. 22:12).

33

O termo *poucos* (*oligos*) é usado, por vezes, nos Evangelhos com o sentido de se referir a um remanescente (Clinton Wahlen, “Remnant in the Gospels”, in *Toward a Theology of the Remnant: An Adventist Ecclesiological Perspective*, ed. Ángel Manuel Rodríguez [Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2009]), que, juntamente com o uso de *loipos*, em Apocalipse 2:24; 3:2, pode sugerir que se está a começar a formar um remanescente, tornando-se mais plenamente manifesto nas igrejas de Filadélfia e de Laodiceia (cf. Apoc. 12:17).

34

Ao mesmo tempo, a carta não dá uma indicação mais específica de tempo sobre quão breve esse “breve” poderá ser (Apoc. 2:5, 16, 22 e 23; 3:3, 11).

35

Assim também Swete, *Apocalypse*, pp. 63 e 64, referindo-se a Lucas 12:36 e (de modo contrastante) 13:25.

36

Gerhard Kittel, *Theological Dictionary*, electronic ed. (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964), 2:34.

37

Que o tempo da Segunda Vinda é, de algum modo, dependente da atividade e/ou da preparação da Igreja é também sugerido noutras partes do Novo Testamento (Mat. 24:14; II Ped. 3:9, 12).

38

Embora a Nova Jerusalém seja chamada “a noiva” (Apoc. 21:2, 9 e 10), ela só o é quando povoada pelos redimidos. A cidade e o povo são uma imagem inseparável nas antecedentes profecias do Antigo Testamento aludidas aqui (Isa. 54; 62:1-4). Esta observação ajuda a explicar por que razão os membros do povo de Deus são os únicos “convidados” para o casamento em Mateus 22:10 e 11.

39

Aqueles que foram “degolados pelo testemunho de Jesus, e pela palavra de Deus” (Apoc. 20:4, *ARC*) podem ser especificamente aqueles mortos por Babilónia no tempo do fim (Apoc. 17:6; cf. 13:15). Num sentido mais amplo, aqueles que são res-suscitados na primeira ressurreição também devem reinar com Cristo no sentido em que, como Ele, foram vitoriosos sobre a sepultura, e a segunda morte não tem poder sobre eles (Apoc. 20:6).

40

Cf. Wahlen, “Heaven’s View”, p. 153.

A Ciência prova conclusivamente que, desde o momento em que somos concebidos no útero da nossa mãe, começamos a morrer. A vida é, simplesmente, uma batalha constante contra a morte. Foi isso que Deus quis dizer quando disse a Adão e Eva: “Certamente morrerás” (Gênesis 2:17). Sem o controlo protetor, cuidador e *exclusivo* de Deus sobre o ser criado, a morte devora-o como um cancro lento.

Portanto, seria aconselhável a cada um de nós fazer tudo o que pu-

Charles Mills

Médico

Retirado da revista Signs of the Times de março de 2013.

dermos para lutar contra a morte. Mas, será que o fazemos? De facto, parece que o contrário é precisamente o que se passa: Estamos a fazer tudo o que podemos para *ajudar* a morte a fazer o seu trabalho do modo mais eficaz e mais doloroso possível.

A esperança média de vida dos Portugueses à nascença é de 81 anos. Mas, se combatêssemos a morte, poderíamos aumentá-la para 100 anos ou ainda mais?

Pergunte ao Dr. Michael Greger, médico e escritor, que passa a maior

COMO VIVER ATÉ AOS CEM ANOS

A Ciência prova conclusivamente que, desde o momento em que somos concebidos no útero da nossa mãe, começamos a morrer.

parte dos seus dias a ler a pesquisa mundial sobre nutrição para compor o seu popular *site NutritionFacts.org*. O Dr. Greger diz que a morte nos Estados Unidos da América – bem como na maioria das nações desenvolvidas – é, em grande medida, uma doença provocada pela alimentação. Ele insiste em que, na maioria dos casos, aqueles que aprendem a controlar aquilo que comem podem controlar os anos que vivem e a qualidade de vida desses anos.

A PRINCIPAL CAUSA DE MORTE

O primeiro destaque: doença do coração, o primeiro assassino mundial.

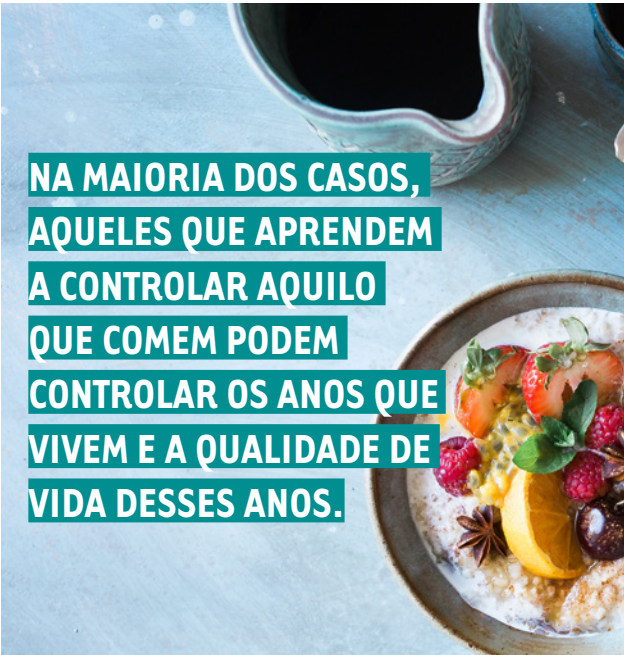
Há muito que se sabe que uma dieta com colesterol elevado é uma causa principal do ataque de coração, mas o impacto exato que isto tem sobre a saúde foi recentemente descoberto. O Estudo de Saúde das Enfermeiras de Harvard, que decorreu durante 35 anos, descobriu algumas informações extraordinárias. Os pesquisadores descobriram que, ao longo de um período de quinze anos, consumir a quantidade de colesterol encontrado num único ovo cada dia reduz a vida de uma mulher tanto como se ela tivesse fumado cinco cigarros por dia.

O comportamento mais *protetor* é o consumo de fibra. Comer uma chávena de aveia por dia parece aumentar a vida de uma mulher tanto como quatro horas de corrida por semana.

Qualquer pessoa diria: “Bem, o colesterol encontra-se apenas em produtos animais. A fibra encontra-se apenas em plantas. Se quero viver até aos cem anos, devo eliminar o colesterol e aumentar o meu consumo de fibra.” Mas será que estamos a fazer isso em quan-

tidades apreciáveis? Se o estivéssemos a fazer, a doença do coração não estaria tão entrincheirada no primeiro lugar do *top* de causas de morte.

O Editor-Chefe do *American Journal of Cardiology* (*Revista Americana de Cardiologia*) resumiu esta questão de forma adequada há mais de dez anos: “Para que a progressão de placa cesse [a placa forma-se dentro das artérias e diminui ou, por vezes, para a circulação do sangue] parece que o colesterol total no sêrum tem de ser menor do que 150mg/dl. Por outras palavras, o colesterol total no sêrum deve ser reduzido até ao ponto em que o achamos nos vegetarianos estritos [*vegans*]. No entanto, porque relativamente poucas pessoas estão dispostas a obedecer ao estilo de vida vegetariano, a maior parte das pessoas requer medicamentos para redução de lípidos, de modo a alcançar o nível dos 150mg/dl.” Como acontece com todas as drogas, estes medicamentos geram poderosos efeitos colaterais que representam, também eles, um perigo muito real para a longevidade.



**NA MAIORIA DOS CASOS,
AQUELES QUE APRENDEM
A CONTROLAR AQUILO
QUE COMEM PODEM
CONTROLAR OS ANOS QUE
VIVEM E A QUALIDADE DE
VIDA DESSES ANOS.**

Assim, a maior parte de nós não é *vítima* do aviso de Deus de que “certamente morrerás”. Nós somos os seus *causadores*.

AQUILO QUE NOS COME

A segunda maior causa de morte? Neoplasias malignas – mais conhecidas como câncros. O que estão os cientistas a dizer acerca do modo como podemos mitigar este assassino tão espalhado?

Segundo o maior estudo de saúde alguma vez realizado – a Investigação Europeia Prospetiva sobre o Câncer e a Nutrição – “a incidência de todos os câncros combinados foi menor entre vegetarianos do que entre consumidores de carne. [...] A descoberta mais notável foi o relativo baixo risco para câncer dos tecidos linfáticos e hematopoiéticos [tecidos onde são criadas as células do sangue] entre vegetarianos”.

Tão poderosa é a relação entre o consumo de carne e o câncer que, em 2011, o *Journal of Meat Science* (*Revista da Ciência da Carne*) publicou um artigo intitulado “Carne vermelha e câncer do

côlon”. O seu autor, Dennis E. Corpet, perguntava: “Devemos tornar-nos vegetarianos ou podemos tornar a carne mais segura?” Ele sugeriu que se incluísem aditivos que suprimem o efeito tóxico de alguns dos piores efeitos da carne. Ele disse que “estes aditivos, e outros ainda sob estudo, podem prover um modo aceitável de prevenir o câncer colorretal”. No seu espírito, simplesmente evitar o consumo de carne está completamente fora de questão (lembre-se de que ele estava a escrever para a *Revista da Ciência da Carne*!). Ele também estava preocupado com o facto de que, se a Agência de Saúde dos EUA recomendasse uma redução no consumo de carne, “a agropecuária e a indústria da carne sofreriam importantes problemas económicos”.

Qualquer pessoa que queira viver até aos cem anos não está preocupada com o facto de os agricultores terem ou não de aprender a cultivar trigo e milho em vez de bezerros e frangos. Ela não está preocupada com a sobrevivência da indústria da carne à custa da doença e da vida prematuramente interrompida. A longevidade é a sua própria recompensa.

Uma dessas recompensas foi dramaticamente demonstrada num estudo recente pela Fundação de Pesquisa Pritikin. Eles colocaram as pessoas sob estudo em diversos tipos de regime alimentar, tiraram-lhes sangue, colocaram esse sangue sobre células cancerosas que estavam a crescer *in vitro* e depois aguardaram para ver qual era o melhor sangue a suprimir o crescimento do câncer. O estudo, com a duração de um ano, mostrou que o sangue das pessoas que tinham uma dieta *vegan* (baseada em vegetais sem



**A MAIOR PARTE DAS
PRINCIPAIS CAUSAS
DE MORTE SÃO POUCO
PERIGOSAS PARA AQUELES
QUE SEGUEM A DIETA
ORIGINAL DE DEUS.**

qualquer produto animal, incluindo os ovos e os laticínios) era significativamente mais hostil para as células cancerosas do que o sangue daquelas pessoas que seguiam a alimentação-padrão americana.

Mas, mais significativo até que ponto? Comentando este estudo, o Dr. Greger relatou que “o sangue que circulava no corpo dos veganos tinha até oito vezes mais poder de deter o crescimento das células cancerosas”!

Esta pesquisa particular focou-se no cancro da próstata, o cancro mais comum entre os homens. O que dizer do cancro da mama?

Os pesquisadores prepararam os seus instrumentos, mas, desta vez, os testes eram com mulheres e realizaram-se apenas *duas semanas* depois da mudança de dieta. Como era de esperar, houve uma apreciável redução do crescimento das células cancerosas e um aumento de morte das células cancerosas quando o sangue de mulheres veganas foi conjugado com células cancerosas.

Alguém que queira viver até aos cem anos tem de ter sangue a circular

em cada canto do seu corpo, e esse sangue deve ter a capacidade de combater as células cancerosas e de as derrotar. E esse tipo de sangue apenas pode ser produzido pelo consumo de alimentos integrais de uma dieta vegetariana.

RESPIRE BEM

Finalmente, vejamos o assassino número três: Doença Pulmonar Obstrutiva Crónica (DPOC).

São tão esmagadoras as provas de que a DPOC pode ser prevenida e, mesmo, tratada com plantas, que a indústria do tabaco prestou atenção. Contudo, ela respondeu de um modo um tanto diferente às notáveis descobertas. O Dr. Greger descobriu um relatório preparado pela indústria do tabaco sugerindo que, em vez de se adicionarem plantas ao regime alimentar das pessoas para prevenir o enfisema, a indústria do tabaco iria adicioná-las aos *cigarros*. E assim fizeram.

Embora a maior parte da DPOC resulte da inalação de ar poluído por parte de mineiros de carvão ou de fumadores, um estudo de 2002, que foi

publicado no *European Journal of Clinical Nutrition* (Revista Europeia da Nutrição Clínica), indicou que um aumento de consumo de fruta estava associado com uma redução em 24% do risco de mortalidade por DPOC em seres humanos. Depois, em 2007, um artigo no *American Journal of Epidemiology* (Revista Americana de Epidemiologia) concluía que “o consumo frequente de carne curada estava independentemente associado com um padrão obstructivo da função pulmonar e com um risco acrescido de DPOC”.

Desde então, tanto o leite de soja como o tofu foram adicionados à lista de alimentos que protegem contra esta doença assassina.

Mas, e se já tiver a doença? Cento e vinte pacientes com DPOC foram distribuídos aleatoriamente em dois grupos. Um grupo foi aconselhado a aumentar o consumo de frutas e de vegetais e o outro grupo foi instruído a manter o seu regime alimentar normal. Três anos depois, os resultados foram apurados. Os membros do grupo que permaneceu no mesmo regime alimentar continuaram a piorar, seguindo um rumo trilhado por milhões de doentes com DPOC. Por outro lado, aqueles que adicionaram frutas e vegetais à sua alimentação realmente melhoraram.

O que causou esta melhoria do estado de saúde? O estudo, tal como foi reportado na edição de 2012 do *European Respiratory Journal* (Revista Respiratória Europeia), dizia: “A adição de frutas e de vegetais no regime alimentar de pacientes com GI resultou no decréscimo do consumo de carne, que se sabe aumentar o fardo de stresse

oxidativo. Estas descobertas sugerem que uma mudança de regime alimentar para o consumo de mais alimentos antioxidantes pode ser associada com a melhoria do funcionamento dos pulmões e, neste aspeto, a intervenção na dieta alimentar pode ser considerada no esforço de gestão de DPOC.”

Qualquer pessoa que queira viver até aos cem anos deve levar a peito esta informação. Para os doentes com DPOC, pode significar a diferença entre uma vida longa e uma morte prematura.

É A COMIDA

Uma alimentação vegetariana é, obviamente, um importante fator contributivo para se viver até aos cem anos, especialmente se for *vegan* (sem ovos ou laticínios). E é significativo que Deus prescreveu essa mesma dieta quando criou a espécie humana. Ele disse a Adão e a Eva: “Eis que vos tenho dado toda a erva que dá semente, que está sobre a face de toda a terra; e toda a árvore, em que há fruto de árvore que dá semente, ser-vos-á para mantimento” (Génesis 1:29).

Assim, as provas existem. A maior parte das principais causas de morte são pouco perigosas para aqueles que seguem a dieta original de Deus. Quando combinamos esta mudança alimentar com exercício, sono suficiente e fé dinâmica em Deus, não só alongamos a nossa vida, mas também melhoramos a sua qualidade. Podemos sucumbir perante outras forças, mas enquanto fizermos escolhas saudáveis à mesa das refeições, podemos continuar a ultrapassar em anos aqueles que não o fazem.

E muitos de nós podem chegar a viver até aos cem anos!

—
Errol Webster
Pastor

*Retirado da Adventist Review
de fevereiro de 2020.*

POR QUE RAZÃO TANTOS ESTÃO A DEIXAR A IGREJA?

Se conhecer as nossas doutrinas não sustentam os membros durante uma crise pessoal, nem os fortalece contra o secularismo, há alguma coisa em falta no nosso ensino?

O seu nome era Mark – um jovem austríaco com cerca de vinte anos. Conheci-o quando eu estava a sair do templo Hare Krishna em Nova Deli, na Índia. Eu tinha estado a viajar pela Índia para descobrir por que razão a juventude ocidental está a ser tão atraída para o misticismo oriental.

Entrei num autocarro destinado ao centro da cidade e Mark, que também tinha estado no templo, entrou igualmente e sentou-se junto de mim. Ele tinha um rosário budista na sua



Há muitos que vêm para a Igreja, mas não vêm para Jesus.

Ele tinha perdido Jesus na igreja! Como era isso possível? Se Mark tivesse ido a uma igreja Adventista, será que o seu recém-descoberto amor por Jesus teria sido alimentado ou teria ele contribuído para a estatística que indica os 42% de membros que deixaram a Igreja Adventista nos últimos cinquenta anos?

Jeff Parker, Diretor do Departamento da Juventude na Austrália, revelou na Cimeira do Empenho Jovem de 2018 que “cerca de 62% dos jovens que frequentam uma Igreja na Austrália deixam-na antes de completarem trinta anos”.¹

Monte Sahlin, o investigador da Igreja Adventista, escreveu que as pesquisas mostram que a causa de os membros deixarem a Igreja tem menos a ver com desacordos doutrinários e mais a ver “com problemas que as pessoas experimentam na sua vida pessoal”.² David Trimm, Historiador da Igreja, também disse que “a insidiosa secularização” do nosso mundo é um fator a ter em conta.³

Isto impõe a seguinte questão: Se conhecer as nossas doutrinas não sustém os membros durante uma crise pessoal, nem os fortalece contra o secularismo, há alguma coisa em falta no nosso ensino?

Quando Lee Venden conduziu programas de reavivamento entre Ad-

mão esquerda. Na mão direita tinha alguns cartões com provérbios hindus. Na nossa conversa, ele perguntou-me qual era a minha profissão. “Sou um Pastor cristão”, disse-lhe.

Os seus olhos iluminaram-se e a sua voz suavizou-se quando disse: “Eu já li a Bíblia e gostei muito de Jesus.” Fiquei intrigado. “Então, por que razão estás envolvido com a meditação oriental?”, perguntei-lhe. “Achas que é compatível com os ensinamentos de Jesus?” A sua resposta espantou-me. “Eu comecei a ir à igreja e perdi Jesus.”

ventistas na América do Norte para membros que já frequentavam a Igreja, descobriu que menos de 25% empenhavam algum tempo diariamente no estudo da Bíblia e na oração. Também descobriu que a maioria não tinha a certeza da salvação e admitia abertamente que não andava diariamente com Jesus. A sua pesquisa mostrou, além disso, que, ainda que aqueles que se unem à Igreja vejam as nossas doutrinas como verdadeiramente bíblicas, não veem Jesus como o centro de cada uma delas. Há muitos que vêm para a Igreja, mas não vêm para Jesus.⁴

Muitos membros estão a debater-se espiritualmente. Ensinámo-lhes as nossas doutrinas, mas, de alguma forma, não os apresentámos a Jesus.

Um estudo sobre os membros Adventistas da geração do milénio (nascidos entre 1980 e 2000) que ainda frequentam a Igreja revelou que eles têm uma visão mais negativa da Igreja Adventista do que têm, em geral, os indivíduos americanos da geração do milénio sobre as suas Igrejas.⁵ Sendo este o caso, podemos ver por que razão a Cimeira sobre Estimulação e Retenção recomendou “que construir relações amoráveis e semelhantes às de Cristo é uma necessidade urgente”.⁶

Outra pesquisa sobre crentes, entre os 18 e os 35 anos, que ficaram na Igreja, revelou que menos de um em cada quatro se empenha no estudo diário da Bíblia e quase três quartos (73,5%) não têm a certeza da salvação.⁷ Se isto é verdade quanto à maioria dos jovens adultos que permanecem na Igreja, o que pode isto indicar acerca daqueles que deixaram a Igreja?

UMA SOCIEDADE SECULAR

Aquilo que Trimm afirmou sobre a “insidiosa secularização” da nossa Sociedade e acerca dos seus efeitos, particularmente através dos meios de entretenimento, é verdade. Hoje, no Ocidente, vivemos numa Sociedade pós-cristã, caracterizada por uma falta de significado e de propósito. Para esta geração, a verdade é relativa. Ao decidir o que é correto ou errado, o indivíduo torna-se na sua própria autoridade subjetiva. As pessoas vivem confortavelmente com contradições. A teoria e a prática não têm que corresponder mutuamente.

O relatório *Geração Z*, de 2018, da Instituição de Pesquisa do Grupo Bar-na, concorda: “O relativismo moral está a ganhar profundas raízes na Améri-



ca. Um quarto dos indivíduos da Geração Z (nascidos entre 1999 e 2015) concorda fortemente que aquilo que é moralmente correto ou errado muda ao longo do tempo e conforme a Sociedade em causa. [...] Cada indivíduo é o seu próprio árbitro. Apenas 34% dos indivíduos da Geração Z concorda que ‘mentir é moralmente errado’.”⁸

Para ilustrar isto, basta dizer que a palavra “pós-verdade” foi considerada a Palavra do Ano pelos Dicionários de *Oxford* em 2016. A palavra denota um apelo à emoção e à crença pessoal no moldar da opinião pública, mais do que aos factos objetivos. O prefixo “pós” tem significado usualmente “após”, como em “pós-guerra”. Na palavra composta “pós-verdade”, significa que a verdade “tornou-se

HOJE, NO OCIDENTE, VIVEMOS NUMA SOCIEDADE PÓS-CRISTÃ, CARACTERIZADA POR UMA FALTA DE SIGNIFICADO E DE PROPÓSITO. PARA ESTA GERAÇÃO, A VERDADE É RELATIVA.

pouco importante ou mesmo irrelevante”. Casper Grathwohl, Diretor de Produção dos Dicionários de *Oxford*, considera que a palavra “pós-verdade” pode tornar-se “numa das palavras definidoras do nosso tempo”.⁹

Esta é a era das “notícias falsas”, dos “factos alternativos”, das “narrativas em conflito” e quando “a verdade não é a verdade”.

O conceito “Notícias falsas”, definido como “informação falsa e frequentemente sensacional disseminada sob o aspeto de reportagem jornalística”, foi indicado como a Palavra do Ano pelo Dicionário *Collins* em 2017.¹⁰

No seu relatório intitulado “Tendências que moldam uma Era da Pós-Verdade” (9 de janeiro de 2018), o Grupo Barna descobriu que “a verdade é crescentemente considerada como algo sentido, em vez de ser algo conhecido”.¹¹ Desde a década de 1960, a sociedade ocidental tem-se tornado progressivamente mais subjetiva.

Sobre os efeitos desta “insidiosa secularização”, Trimm concluiu que “a estrutura da maior parte das igrejas Adventistas locais não é suficien-



temente forte para deter esta corrente”.¹² Será que as pessoas podem ter uma experiência transformadora da vida, que as fortaleça contra o secularismo e contra as crises pessoais, sem que venham a Jesus?

NÃO APENAS NO OCIDENTE

Não é apenas no Ocidente que Adventistas se têm unido à Igreja, mas não têm “vindo a Jesus”. O Ruanda era uma nação onde 95% da população se declarava cristã, incluindo mais de 275 000 Adventistas (cerca de 10% da população de então). Os líderes da Igreja descreviam o Ruanda como o país mais Adventista do mundo, isto é, até 1994, quando ocorreu o genocídio, em que a maioria Hutu chacinou mais de 800 000 pessoas da minoria Tutsi. Os mortos incluíram mais de 12 000 Adventistas.¹³

A terrível verdade é que muitos membros e Pastores da Igreja Adventista estiveram envolvidos no genocídio e, segundo relatos fidedignos, conservaram as suas crenças Adventistas ao descansarem escrupulosamente dos seus homicídios no Sábado.¹⁴

O que Robert Folkenberg, então Presidente da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, viu quando visitou o Ruanda comoveu-o mais do que qualquer outra coisa por ele vista. “O que aconteceu no Ruanda”, declarou ele, “foi largamente o resultado de pessoas não convertidas que assumem o nome de Cristo”.

Depois de passar algum tempo de joelhos em oração, Folkenberg chegou a uma conclusão: “O Evangelho não falhou. A cruz de Cristo não falhou. O Espírito Santo não falhou. Nós, como

Pastores, falhámos. Como líderes religiosos, deixámos ficar mal Deus, Cristo e o povo do Ruanda. Devemos, creio, confessar os nossos pecados perante Deus.” “O que é necessário”, declarou Folkenberg, “é que os líderes espirituais apelem à conversão e à transformação”.¹⁵ Será que levámos a sério as implicações do que aconteceu no Ruanda e as palavras de Folkenberg em resposta a esse acontecimento?

As pessoas podem ser muito religiosas e sinceras sem serem verdadeiramente cristãs.

QUAL É A RESPOSTA?

Batismo não é o mesmo que conversão. Deveríamos colocar mais ênfase na conversão a Jesus do que no batismo? Será que passamos mais tempo a falar acerca da besta, criando a justificação pelo medo, do que a falar do Cordeiro, que nos dá a justificação pela fé?

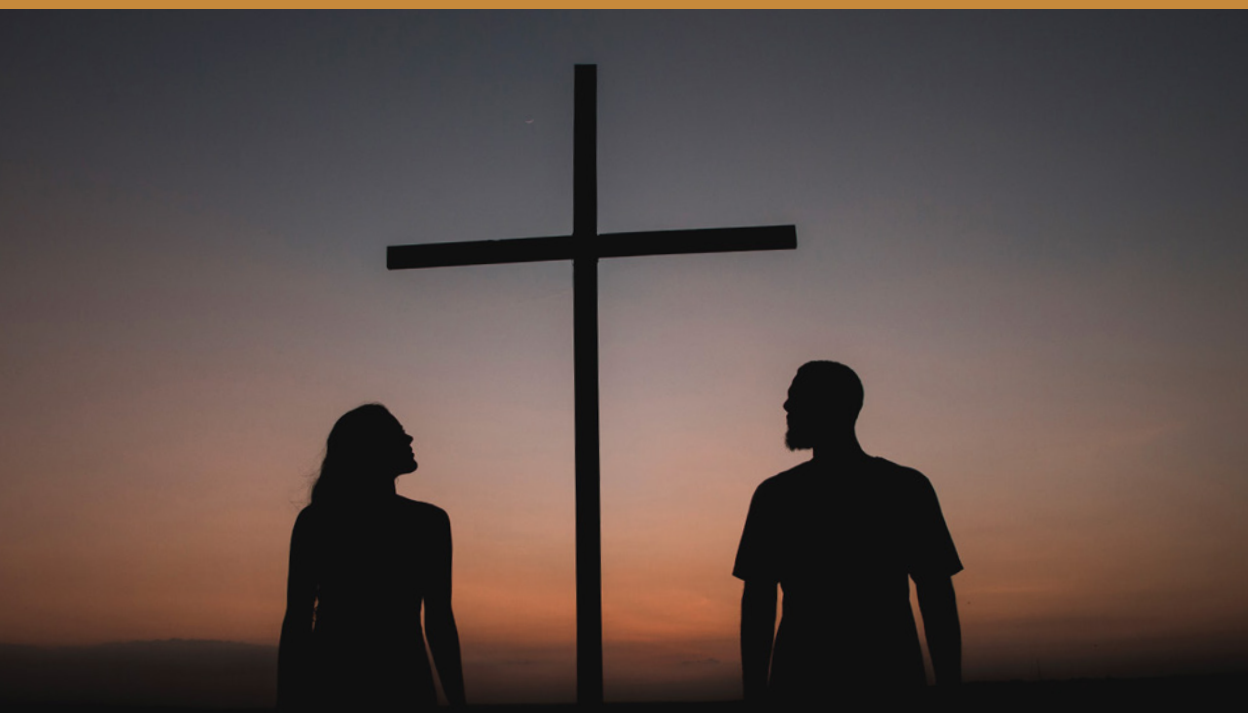
Carlyle B. Haynes era um evangelista Adventista, que trazia pessoas para a Igreja, quando um dia percebeu que “tinha estado a pregar há quinze anos e, no entanto, era um homem não convertido”.

**SERÁ QUE PASSAMOS
MAIS TEMPO A FALAR
ACERCA DA BESTA,
CRIANDO A JUSTIFICAÇÃO
PELO MEDO, DO QUE A
FALAR DO CORDEIRO,
QUE NOS DÁ A
JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ?**

“Eu tinha negligenciado o primeiro e simples passo de vir a Jesus por mim mesmo e, pela fé n’Ele, receber o perdão pelos meus pecados”, escreveu ele. “Deus trouxe-me de volta, depois de pregar esta mensagem durante quinze anos, aos pés da cruz.”

Quando nos voltamos das “nossas obras e olhamos apenas para Cristo em busca de salvação”, partilhou Haynes, “Deus declara-nos justos. Esta declaração de Deus é fundamentada na obra completa do nosso Senhor”.¹⁶

Esta é a boa-nova do Evangelho!



1 Jarrod Stackelroth, “Church Resolves to Grow Young, Engage Youth”, *Adventist Record*, 1 de junho de 2018.

2 Ansel Oliver, “At First Retention Summit, Leaders Look at Reality of Church Exodus”, *Adventist News Network*, 19 de novembro de 2013.

3 Edwin Manuel Garcia, “Landmark Survey Reveals In-Depth Beliefs, Perceptions of Adventist Members”, *Adventist News Network*, 17 de outubro de 2013.

4 Clint Jenkins, A. Allan Martin, “Engaging Adventist Millennials: A Church that Embraces Relationships”, *Ministry*, maio de 2014.

5 General Conference of Seventh-day Adventists, Summit of Nurture and Retention 2013 Statement, “Recommitting, Reconnecting and Reconciling: Reviving

Discipleship, Nurturing Believers, and Reuniting with the Missing”.

6 Kumar Dixit, Kyle Stiemsma, and Rajinie Sigamoney Dixit, “Why Young People Are Sticking with the Church”, *Ministry*, março de 2016.

7 Derek Morris, “A Passion for Revival: An Interview with Lee Venden”, *Ministry*, fevereiro de 2012.

8 Barna Group, *Gen Z*, relatório (2018), 55, 99, 65.

9 Amy B. Wang, “‘Post-truth’ Named 2016 Word of the Year by *Oxford Dictionaries*”, *The Washington Post*, 16 de novembro de 2016.

10 *Collins Dictionary*, “*Collins 2017 Word of the Year Shortlist*”, *Word Lover's Blog*.

11 Barna Group, “The Trends Shaping a Post-Truth Society”, 9 de janeiro de 2018.

12 David Trimm, *Seventh-day Adventist Global Data Picture*, relatório, fevereiro de 2014.

13 Ronald Osborn, “No Sanctuary in Mugonero: Notes on Rwanda, Revival and Reform”, *Spectrum*, 16 de outubro de 2010.

14 Osborn, “No Sanctuary in Mugonero”.

15 “GC President Speaks Out About Rwandan Atrocities”, excerto de sermão, *Adventist Review*, NAD Edition, março de 1996, 6.

16 Carlyle B. Haynes, “Righteousness in Christ — My Experience”, sermão pregado na reunião da Associação Ministerial da Conferência Geral de 1926, reimpresso na revista *Ministry* de maio de 1986.

ENCONTRO PROVIDENCIAL

No dia em que voltei para lhe entregar o livro, creio que Deus me orientou para que chegasse na hora certa, porque cheguei às quatro horas da tarde e mesmo no momento oportuno.

Francisco Monteiro
Colportor Evangelista

Tinha acabado de sair de um prédio, no qual não tive a oportunidade de fazer nenhuma apresentação dos livros que andava a vender. Nalguns apartamentos não havia ninguém, noutros as pessoas tinham dito que não queriam nada, e por isso não abriam a porta.

Quando cheguei à rua, vi que uma família, composta pelo casal, um adolescente e uma criança, acabava de chegar, tendo estacionado o carro em frente ao prédio. A esposa e os dois filhos foram os primeiros a entrar no prédio. Quando o marido também se preparava para entrar, aproximei-me dele e

disse-lhe que tinha acabado de visitar o edifício, mas que não tinha conseguido falar com ninguém para apresentar alguns livros de muito interesse na área da saúde e noutras áreas relevantes para a família, que eu estava a divulgar. Mostrei-lhe os livros e ele revelou interesse num livro destinado a crianças, mas pediu-me para passar na semana seguinte, porque naquele momento não tinha dinheiro com ele. Perguntei-lhe qual seria a melhor hora para passar no dia de lhe entregar o livro, de modo que ele estivesse em casa para me receber. Ele disse-me que não me sabia dizer a hora em que estaria em casa, porque o seu tipo de trabalho era um pouco incerto em termos de horário.

No dia em que voltei para lhe entregar o livro, creio que Deus me orientou para que chegasse na hora certa, porque cheguei às quatro horas da tarde e mesmo no momento oportuno. O cliente estava a chegar do trabalho naquele momento. Ao entregar-lhe o livro e receber o dinheiro, antes de me vir embora, ele perguntou-me: “O senhor é Adventista do Sétimo Dia?” Eu respondi-lhe: “Sim, sou.” Ele disse-me então: “Eu sou Brasileiro e, quando era criança, fui Desbravador durante seis ou sete anos.” Eu respondi-lhe: “O senhor deve ter muita experiência nessa área e muitas histórias interessantes para contar.” Ele sorriu e disse-me: “Sim, tenho!” Perguntou-me também: “Aqui em Mafra existe alguma igreja Adventista do Sétimo Dia?” Eu não conheço nenhuma.” Respondi-lhe: “Não, não temos, por enquanto, em Mafra nenhuma igreja Adventista do Sétimo Dia. Na verdade, eu ando aqui

a trabalhar com a missão de procurar pessoas que queiram fazer parte do povo escolhido de Deus e juntar-se à igreja que tencionamos abrir aqui em breve.” E, olhando-o bem nos olhos, disse-lhe: “Vou dizer-lhe aqui uma coisa, pela fé: O Victor vai tornar-se Adventista do Sétimo Dia e ainda vai ser, aqui em Mafra, líder do Clube de Desbravadores, pois Deus tem planos para a sua vida.” Disse-lhe ainda: “Espere aqui um momento, por favor, enquanto vou ali ao carro buscar umas coisas para lhe entregar.” Fui ao carro buscar uma revista *Nosso Amiguinho* para o filho e também os livros *Os Dez Mandamentos* e *O Grande Conflito*, para lhe emprestar. Trocámos contactos telefónicos e fiquei de lhe ligar um mês depois, em fevereiro de 2022, para me inteirar de como está a leitura dos livros que lhe emprestei. Agora cabe ao Espírito de Deus terminar o trabalho que eu comecei.





Daniel Bastos
*Diretor da Área
Departamental da
Família da UPASD*

E A FAMÍLIA, VAI BEM?

A esta pergunta habitual nas nossas interações sociais ouvimos invariavelmente a resposta: “Sim, vai bem, obrigado.” É verdade que nesta troca formal de palavras de cortesia ninguém espera uma longa descrição dos problemas e dos desafios que cada um enfrenta no seu lar, mas, se tivéssemos que responder de forma séria e completa à referida pergunta, o que diríamos a respeito do estado em que se encontra a nossa família? Seríamos capazes de realizar um diagnóstico rigoroso do que se passa lá em casa?

Em termos médicos, um diagnóstico correto e preciso é o primeiro passo para o tratamento eficaz. Laodiceia não podia estar mais equivocada na sua autoavaliação. Ela pensava ser “rica, abastada e sem falta de coisa alguma”, quando, na realidade, era “infeliz, miserável, pobre, cega e nua” (Apocalipse 3:17). Na sua mornidão, achava que cumpria os requisitos mínimos para man-

ter o seu estatuto enquanto Igreja cristã, mas, para sua grande surpresa, é-lhe dito que está no limiar do precipício. A boa-nova, entretanto, é que ainda há esperança!

A solução apresentada – “se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa” (Apocalipse 3:20) – claramente nos mostra que a solução para Laodiceia envolve a família. Provavelmente, não será também despropositado inferir que o diagnóstico divino comunicado àque-la igreja se aplica igualmente às nossas famílias de hoje. Confiados que estamos nas nossas tradições e práticas religiosas, na profissão de fé que fazemos em relação às nossas crenças, não nos apercebemos de que uma cultura mundana inundou o nosso círculo, criando um ambiente que asfixia a fé e o amor. Pensamos que estamos a conservar estes dons, sem nos apercebermos de quão superficial é a nossa abordagem. Ellen G. White identifica

este problema quando descreve as virgens loucas da parábola (Mateus 25:1-12). “A classe representada pelas virgens loucas não é hipócrita. Têm consideração pela verdade, advogaram-na, são atraídos pelos que creem na verdade, mas não se entregaram à ação do Espírito Santo. Não caíram sobre a Rocha, Cristo Jesus, e não permitiram que a sua velha natureza fosse quebrada. Essa classe também é representada pelos ouvintes semelhantes ao terreno pedregoso. Recebem a Palavra prontamente; mas não assimilam os seus princípios. A sua influência não é permanente. O Espírito trabalha no coração do Homem de acordo com o seu desejo e o seu consentimento, implantando nele uma nova natureza; mas a classe representada pelas virgens loucas contentou-se com uma obra superficial. Não conhecem Deus; não estudaram o Seu caráter; não tiveram comunhão com Ele; por isso, não sabem como confiar, como olhar e como viver. O seu serviço para Deus degenera em formalismo.” – *Parábolas de Jesus*, p. 281, ed. P. SerVir (itálico acrescentado).

Somos exortados a viver ou andar em amor (Efésios 5:2), mas como é que isso se faz? Correríamos nós o risco de, mesmo depois de ouvir inúmeros sermões e ler tantos livros sobre o tema, sermos demasiado superficiais na compreensão e aplicação deste mandamento? Como nos relacionamos lá em casa? Como lidamos com os nossos filhos? Como tratamos os nossos pais? Como nos relacionamos com o nosso cônjuge?

Os críticos de Cinema não foram meigos com o filme *Fireproof*, lançado em 2008, sob a direção de Alex Kendrick. No entanto, este filme independente, com um orçamento de meio milhão de dólares

(nada comparado com as grandes produções de *Hollywood*, que podem custar 200 ou 300 milhões), teve um sucesso inesperado e tornou-se num dos mais vistos por algum tempo. Ao contrário do habitual toque ligeiro e superficial com que o “amor” costuma ser retratado, este trabalho cinematográfico cristão exemplificou o que é amar num contexto de sentidas dificuldades conjugais e daí a força do seu apelo. O livro *O Desafio do Amor*, relacionado com o filme, em 2019 já ia na 23ª edição na língua portuguesa. Ter uma compreensão mais profunda e prática do que significa viver em amor parece ser a grande necessidade dos nossos dias, e não deixa de ser irónico que milhões de Cristãos tenham precisado de um filme para compreenderem e experimentarem por si mesmos esta vivência; mas, ainda bem para os que o fizeram.

Sim, a família não vai bem, porque somos cada vez mais egocêntricos e, por conseguinte, mais diferentes da pessoa de Jesus. A nossa mente precisa de uma grande transformação (Romanos 12:2), de forma a constituirmos, de facto, um pequeno Céu nesta Terra. À definição de Paulo acerca do amor (I Coríntios 13:4-7), segue-se a promessa: “O amor nunca falha” (I Coríntios 13:8). Que esperança e que segurança tremenda para todos nós, que lamentamos as dificuldades e os problemas que enfrentamos no seio da família. Sim, tudo depende de conseguirmos seguir os passos de Jesus no exemplo de amor que Ele nos deixou (I Pedro 2:21), e aqui estamos a falar de algo muito prático e profundo. Jesus quer, realmente, entrar e ficar no nosso lar para torná-lo num Céu na Terra e fazer-nos vencedores (Apocalipse 3:20 e 21). Ouviremos o apelo?!



Conceição Lagoa
*Diretora-Associada da Área da Família da
UPASD para os Ministérios da Criança*

A MENSAGEM À IGREJA DE LAODICEIA

Lê a mensagem abaixo.



“E ao anjo da igreja que está em Laodiceia escreve: Isto diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus: Eu sei as tuas obras, que nem és frio nem quente: oxalá foras frio ou quente! Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca. Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu” (Apocalipse 3:14-17).

Quais são as tuas obras? O que tens feito?

Será que...

- És fiel
- És verdadeiro
- Amas Jesus
- Tens um bom caráter



- Ajudas o inimigo de Deus, ao enfraquecer e desanimar os que trabalham para Ele?



Será que também sofres da
doença da igreja de Laodiceia?

MORNIDÃO

CURA: Remédio Divino

Se sim, Jesus tem o remédio ideal para ti!

Jesus é como um **mercador celeste**
- Carregado de riquezas.

Ele diz: “*Aconselho-te
que de mim compres...*”
(Apocalipse 3:18.)

Podes comprar...

Lista de compras

Ouro
Vestidos brancos
Colírio

O que significa isto?

OURO provado no fogo = fé e amor.

- Ele enriquece o coração; pois foi limpo até tornar-se puro e, quanto mais é provado, tanto mais intenso é o seu brilho.

VESTIDOS BRANCOS = pureza de caráter, justiça de Cristo.

- É, na verdade, uma vestimenta de textura celeste, que só se pode comprar de Cristo por uma vida de voluntária obediência.

COLÍRIO = sabedoria e graça que nos ajudam a distinguir entre o mal e o bem.

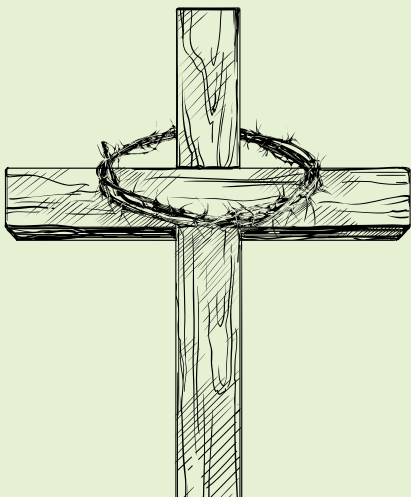
- O colírio divino comunicará clareza ao entendimento.

Ele também diz: “*Eu repreendo e castigo a todos quantos amo;
sê, pois, zeloso e arrepende-te.*” (Apocalipse 3:19.)

Jesus quer preparar-te para o Céu!

Por vezes, tem de podar e de limpar o que não está tão bem em ti.

Às vezes, causa dor, mas tu deves fazer sempre a Sua vontade e obedecer-Lhe.



**“Não havendo cruz,
não há coroa.”**

— Testemunhos Seletos, vol. 1, p. 480.

Como pode alguém ser forte no Senhor,
sem provas?

Para termos forças, precisamos de **EXERCÍCIO**.

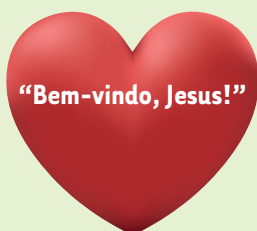
Jesus vai de casa em casa...



“Eis que estou à porta, e bato...”

“... se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo” (Apocalipse 3:20).

Abre a porta do teu coração e diz:



Deixa de ser morno e **entrega-te completamente a Jesus**, ou podes perder o Céu!

“Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci e me sentei com o meu Pai no seu trono.” (Apocalipse 3:21.)

Queres ser um vencedor?

“A vida eterna é de infinito valor, e custar-nos-á tudo quanto possuímos. Foi-me mostrado que não damos o devido valor às coisas eternas.”

— Testemunhos Seletos, vol. 1, p. 330.



Não queiras ser como Laodiceia. Brilha por Jesus!

Deita fora o “lixo” da porta do teu coração que impede Jesus de entrar.



MILAGRE dos MILAGRES!

Deixa Jesus mudar a tua vida, hoje!

Não deixes de RESPONDER ao apelo de Deus.



“Devemos refugiar-nos na Palavra de Deus e na oração, buscando individual e fervorosamente o Senhor, para que O possamos achar.

Cumpre-nos fazer disto a nossa primeira ocupação.”

— Testemunhos para a Igreja, vol. 3, p. 53, 1872.



“Pouca atenção é dada à Bíblia, e o Senhor deu uma luz menor para guiar homens e mulheres à luz maior.” – EGW, Evangelismo, p. 257.

ESPÍRITO LAODICEANO

Ao suscitar a Igreja Adventista do Sétimo Dia como movimento profético, Deus sabia o quanto deveríamos ser chamados à Bíblia para resistir aos ataques internos e externos. Deus conhecia a necessidade. Por isso mesmo, escolhe uma mulher frágil para ser a Sua mensageira, com testemunhos importantes para um povo que se prepara para a Segunda Vinda de Jesus.

Essa mensageira ímpar, que Cristo nos concedeu como Igreja, adverte para o perigo do espírito de autossuficiência mencionado na Bíblia. Esse “rico sou e de nada tenho falta” (Apocalipse 3:17 e 18). “É assustador o poder da autoilusão que está presente no espírito do ser humano! Que cegueira! Tomar a luz por trevas e as trevas por luz!” (*Testemunhos Seletos*, vol. I, p. 477.) Segundo Ellen G. White, este é um perigo real que enfrentamos como Igreja Remanescente nos últimos dias.

A Igreja só pode subsistir, se reconhecer a sua situação, sem permanecer na esfera do autoconvencimento e do autoelogio, mas também sem se autoflagelar através da crítica. Ellen G. White falou sobre o espírito de crítica, referindo-se, especificamente, ao que se passava em determinada igreja. O conteúdo dessa mensagem serve igualmente para nós, hoje. “Alguns estavam a trazer pro-

vas falsas, transformando as suas ideias e noções como o único critério, exagerando assuntos de pouca importância, tornando-os como prova de discipulado cristão, e impondo cargas pesadas aos outros. Introduziu-se, assim, o espírito de crítica, de acusação e de dissensão, que foi de um grande prejuízo para a Igreja” (*Evangelismo*, p. 215). Como se não fosse suficiente o estrago que este espírito laodiceano de crítica pode fazer dentro da Igreja, pelo autoconvencimento de ideias meramente pessoais, Ellen G. White prossegue. “E aos crentes”, referindo-se aos crentes do movimento Adventista millerita que não guardavam o Sábado, era dada “a impressão de que os Adventistas observadores do Sábado, eram uma seita de fanáticos e extremistas, e que as peculiaridades da sua fé os tornava rudes, descorteses e de caráter anticristão” (*Evangelismo*, p. 215).

Se a igreja de Laodiceia, a Igreja dos últimos tempos da história desta Terra, não atender às advertências da palavra profética, será vomitada pela boca de Cristo (Apocalipse 3:16), fruto da sua própria ilusão e do seu espírito de crítica.

Mas Deus está atento e disposto a vir em socorro da Sua Igreja. “Aconselha-nos a comprar d’Ele ouro provado no fogo, vestidos brancos e colírio. [...] O colírio divino comunicará clareza ao entendimento” da Sua Igreja (*Testemunhos Seletos*, vol. I, p. 478). Assim, estejamos dispostos a vencer o espírito de autoelogio, autoconvencimento e autoflagelação.



—
António Dias Gomes
Pastor

PARA A HISTÓRIA DA ESCOLA SABATINA EM PORTUGAL

*O relato pitoresco da experiência de um
pioneiro Adventista português.*

NOTA PRÉVIA

Para os crentes de hoje, o nome de António Dias Gomes poderá ter pouco significado. No entanto, o Pastor Dias Gomes foi um dos Pioneiros da Obra no nosso país, marcando, desde cedo, o trabalho da Igreja com a sua personalidade singular. Nascido em 1901, foi batizado em 1913 e, em 1923, após um ano de estudo no Seminário de Collonges, foi admitido como obreiro estagiário na igreja de Lisboa. Teve depois

a seu cargo a igreja de Portalegre e, em 1933, foi nomeado Diretor da Missão Portuguesa, o primeiro português a exercer esse cargo. No ano de 1935 passou a Presidente da Conferência e, em 1950, da União, onde se manteve por dois períodos e ao longo de vários anos. Por fim, foi chamado para exercer o cargo de Diretor do Departamento da Escola Sabatina da Divisão Sul-Europeia, durante cinco anos. Este Departamento da Igreja foi sempre

a menina dos seus olhos. Por isso é natural que, quando já nos seus últimos anos, teve a amabilidade de me brindar com um bom número de cartas pessoais de simpatia e apoio, com elas me foram chegando (dizendo que foi por sugestão minha...) o relato do início da Escola Sabatina em Portugal (muitas vezes temperado com frases de singelo humor), que tenho o privilégio de dar à estampa pela primeira vez, com o desejo de que o nosso amor pelo “Coração da Igreja” e pela Santa Palavra aumente cada vez mais.

— Samuel Ribeiro

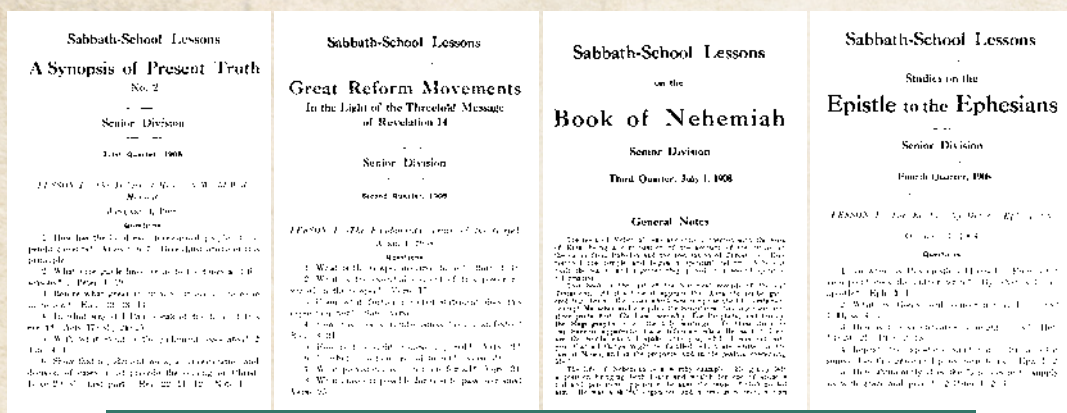
1908. Retenho vivamente na minha memória este ano, porque, em outubro de 1907, fui matriculado pelo meu pai na Escola Primária existente na rua que ia da margem esquerda do Rio Douro até ao largo de Santo Ovídio. O meu pai, Joaquim Dias Gomes, foi um dos primeiros Adventistas em Portugal e ainda tenho na minha biblioteca o primeiro Trimensário que entrou na nossa casa, nesse preciso ano de 1908. A minha mãe, Rosa Parente Dias Gomes, teve na Bíblia o único livro da sua vida e, para isso, aprendeu a ler, passando a lê-la religiosamente todos os dias, e ao Sábado durante todo o dia.

Nesse ano de 1908, numa certa tarde, estava com o meu pai no quintal, quando, subitamente, bateram à porta. Quando fui ver, à ordem do meu pai, surgiram dois senhores que queriam falar com ele. Um disse que se chamava Figueiredo e o outro que se chamava Rentfro e era americano. Andavam, disseram, em propaganda de um livro chamado “Bíblia Sagrada”, a base do Cristianismo genuíno.

Abro um parêntesis para dizer que o meu pai tinha tido recentemente um diferendo com o pároco de Vilar de Perdizes (onde residia o meu avô Manuel Dias Gomes), a propósito de um contrato de trabalho, de que lhe ficara uma forte suspeita da veracidade da doutrina chamada Católica. Ao regressar a casa, em Vila Nova de Gaia, a sua curiosidade abriu-se perante a possibilidade que os dois visitantes ofereciam de comparar a doutrina Católica com os ensinamentos da Bíblia. Disseram eles também que, “se lhes comprasse a Bíblia, pediam desde logo licença para lhe virem ensinar a lê-la sem mais nenhum custo”.

No dia aprazado, os dois visitantes foram recebidos com a máxima cordialidade, com uma mesa posta com um doce feito pela minha mãe e com duas garrafas de vinho fino. Após uma breve e respeitosa oração feita por Rentfro, desenrolaram um grande painel com um homenzarrão de um lado e muita bicharada do outro, que, segundo Rent-





A primeira página de cada um dos trimensários de 1908, em inglês, do primeiro ao quarto trimestres.

fro, iria iniciar os meus pais na compreensão da Bíblia e dos erros doutrinários da Igreja de Roma. Rentfro quis assim iniciar o estudo procurando firmar a sobrenaturalidade da Bíblia, mas o meu pai gostava era mais de saber os erros doutrinários da Igreja de Roma e dos seus Padres. Até eu achei o assunto algo insípido e arranjei uma desculpa fisiológica para sair da sala, só voltando à hora de comer o doce, que os “senhores sábios” partilharam. As garrafas nem sequer foram abertas, porque eles disseram que não bebiam vinho, dado que era um veneno para a saúde. E outras sessões se foram seguindo.

Portanto, foi no início de 1908 que entrou a Bíblia na nossa casa. Não levou muito tempo para que as sessões bíblicas se transformassem numa Escola Bíblica regular, a Escola Sabatina Adventista de Vila Nova de Gaia. Mudámos, entretanto, para uma nova casa de habitação, na mesma Rua Direita, mantendo-se a disponibilidade do meu pai para nos ensinarem a Bíblia. Ainda antes da mudança de casa tivemos a apresentação de um novo professor, o Professor Schwantz, um alemão de idade avançada e forte arcaboço, que se apresentou como

Pastor Adventista e nos convidou para o visitarmos na sua casa, situada na Rua do Bonfim, no Porto. Aí nos mostrou a Sala da Igreja Adventista, onde encontrámos uma família de Vila Meã, de entre Porto e Régua, constituída por um respeitável cavalheiro, o Sr. Sá, a sua sobrinha Aninhas, uma sua filha e o seu filho, já homem, João de Sá Pereira do Lago, ficando assente que, no Sábado seguinte, todos iríamos participar no estudo da Bíblia pelas 13 horas. E assim aconteceu a nossa segunda Escola Sabatina, seguida de um culto orientado pelo Pastor Schwantz. Éramos ao todo oito membros da Escola Sabatina, que se deveria chamar a Escola Sabatina de Vila Nova de Gaia. Passaram-se semanas, e o estudo da mensagem Adventista continuou de tal forma que o Pastor Schwantz, finalmente, declarou que os meus pais estavam preparados para o batismo, o que aconteceu em agosto, em Valadares. Lembro-me de que o mar estava picado, porque o meu pai perguntou ao Pastor Schwantz se sabia nadar, ao que este respondeu: “Nadar não sei, mas Deus está connosco e nada de anormal acontecerá.” Eu passei momentos de aflição! Regressámos depois à sala da igreja no

Porto, almoçámos com o Pastor e com os seus comensais de Vila Meã e, à tarde, celebrou-se a Santa Ceia. Dias depois voltámos à igreja, no Bonfim, para nos despedirmos do Pastor Schwantz antes da sua partida para o Brasil, nunca mais o tendo visto.

João de Sá Pereira do Lago, um dos crentes dessa Escola Sabatina inicial, foi depois estudar no Seminário Adventista de Gland, junto ao Sanatório com o mesmo nome, tendo sido largos anos evangelista em Portugal, depois em Angola, com Ângela, a sua esposa francesa. Mais tarde, regressou a França, à aldeia natal da sua esposa, onde, passados alguns anos, os encontrei, sendo ele, a sua esposa e os seus filhos todos membros da Escola Sabatina local.

Após uma estadia nas Caldas de Chaves (então uma simples vila atrasada e onde o meu pai curou de vez o seu reumático), partimos rapidamente para Vilar de Perdizes, pressa que eu acho ser devida ao facto de os meus pais quererem transmitir a sua nova fé aos nossos familiares e a quem se dispusesse a ouvi-los!

Nas semanas seguintes, em casa dos meus tios Fidalgos (onde, não tendo ainda casa própria, nos tínhamos instalado), o meu pai ensaiou tentativas de evangelização Adventista, embora lhe faltasse a preparação. Manuseava a Bíblia, que nunca tinha entrado nas casas dos aldeões de Vilar e, pouco depois, o Senhor Prior da terra apressou-se a avisar os meus tios de que os meus pais eram “Protestantes ou Maçónicos”, e de que deviam fechar ouvidos ao que eles dissessem sobre Religião. Com as informações

dadas pelos meus tios Fidalgos, o meu avô Manuel Dias acabou por nos fechar a porta da sua casa.

Uma vez organizados no nosso domicílio, todos os Sábados fazíamos a nossa Escola Sabatina, orávamos e cantávamos hinos. Era a terceira Escola Sabatina em Portugal (Lisboa, Porto, Vilar de Perdizes). Não levou muito tempo para que todo o Vilar de Perdizes ficasse a saber que os três Protestantes, também conhecidos por “Maçónicos”, tinham posto arraiais em Vilar.

1909. Na Primavera de 1909, o nosso conhecido Rentfro anunciou a sua visita aos desterrados de Vilar de Perdizes, tendo nós ficado então a saber que o Pastor Rentfro era o Diretor da Missão Adventista Portuguesa. Ele tivera, entretanto, de se mudar de Lisboa para o Porto, porque um outro Pastor, o suíço Paul Meyer, recém-chegado a Lisboa, tinha sabido captar a simpatia dos (poucos) membros da Igreja, entre os quais a família de Abel Gomes, que (praticamente) obrigaram o Diretor do Campo a mudar-se para a igreja do Porto. Rentfro chamou então para seu ajudante o simpático Alberto de Figueiredo, da igreja de Lisboa. O Pastor Schwantz tinha, entretanto, sido transferido para o Brasil.

No fim do outono de 1909, uma concentração de recrutas militares em Montalegre, com uma forte concentração de recrutas de Vilar, após uma noite a beberem e a divertirem-se, tomaram a decisão, com uma votação numa espécie de Conselho de Guerra, de que nós, os “três maçónicos”, seríamos intimados a pôr as malas nos burros e a sair de Vilar para nunca mais

voltarmos. O meu pai deslocou-se, então, a Montalegre, expondo o sucedido às autoridades administrativas e militares, que logo se mobilizaram, intimando os responsáveis a comparecer. Tendo-os ameaçado com sanções, estes se desculparam como puderam. (Anos depois, já no regime republicano, as autoridades entraram novamente em ação, tendo levado a tribunal e à cadeia os autores dessa intentona.) É, assim, claro que a atmosfera social melhorara muito nos fins de 1909. Já depois do 5 de outubro de 1910, o meu pai, que tinha o cartão de membro do Partido Republicano, acabaria mesmo por ser nomeado Presidente da Junta da Paróquia de Vilar. O resultado foi que, quando surgiu o movimento de reposição da Monarquia do Capitão Paiva Couceiro, os habitantes de Vilar que o apoiavam ameaçaram, quando este invadissem Portugal, aniquilar aquela família de “Maçónicos – Republicanos”. Passámos então a viver uma vida de tormentos, insistindo a minha mãe com o meu pai para que saíssemos de Vilar, deixássemos as propriedades herdadas e adquiridas e fôssemos para o Porto ou para Gaia. Avisado do assunto, o Pastor Rentfro (que estava, entretanto, necessitado de reestruturar o seu pessoal da Missão Adventista Portuguesa) muito caritativamente combinou que fôssemos para o Porto. O meu pai seria incorporado no pessoal da Missão, com o encargo das Publicações, como Colportor-Chefe, lugar que estava vago pela desistência de António Figueiredo, o qual, perante o pequeno vencimento e a pequena percentagem das diminutas

vendas, resolvera arranjar outro trabalho e fixara-se na sua casa de Lisboa.

1912. Na Páscoa de 1912, saímos então de Vilar, passando por Chaves e Vila Real e, depois, indo de comboio até ao Porto, onde chegámos num domingo à noite. Fomos a pé até ao número 145 da Rua da Boavista, chegando à hora em que se estava a realizar (na igreja) a reunião da noite. Após esta terminar, o casal Rentfro levou-nos até à trapeira do dito prédio onde ficámos instalados e a minha mãe pôde dormir sossegada toda a noite.

PASSO AGORA A NARRAR O QUE ME LEMBRO DA VIDA DA IGREJA (PARTICULARMENTE NA SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA SABATINA).

A Escola Sabatina do Porto, em 1912, tinha como membros o casal Rentfro, o seu filho Carlos, de 11 anos, a sua filha Miriam, de nove anos, Alberto de Figueiredo, ajudante do Pastor Rentfro (e que tinha estudado na Escola Missionária de Gland, na Suíça), além dos meus pais e de eu próprio, com 11 anos. A evangelização Adventista estava nesse ano nos seus primórdios na cidade do Porto. Limitava-se a umas dissertações feitas pelo Pastor Rentfro e pelo seu ajudante Alberto de Figueiredo. Rentfro, embora já estivesse há oito anos em Portugal, manejava ainda imperfeitamente a língua portuguesa. *(A seguir, no seu relato, o Pastor Dias Gomes, então na 4ª Classe, relata, com saudade, como passava, de vez em quando, tempo com Rentfro para debaterem os tempos dos verbos em português.)*

Por essa altura, tinha chegado o momento de os Rentfros irem passar

umas agradáveis férias nos Estados Unidos da América. Antes da partida, ele deu instruções a Alberto de Figueiredo e ao meu pai para se entregar a casa da Rua da Boavista ao senhorio e se arranjar outra, mais ampla, que pudesse albergar as famílias Rentfro e Dias Gomes. Essa casa seria também adaptada para que se pudesse realizar, por Alberto de Figueiredo, o primeiro esforço de evangelização, que seria depois continuado por Rentfro quando regressasse dos Estados Unidos da América. A casa era na Rua de Santa Helena, e, depois das necessárias adaptações, tinha também um salão apresentável, onde Alberto de Figueiredo assumiu a direção da (pequena) igreja do Porto. Ele quis logo encetar a evangelização daquele bairro popular e humilde. Tratou assim de aparelhar uma máquina de projeções e convidar o público com anúncios distribuídos no citado bairro. A primeira reunião, com sessão de projeções, foi num domingo, e só apareceram um grupo de rapaziada barulhenta e alguns homens. O mesmo nos dois domingos seguintes. Depois vieram raparigas e, por fim, as suas mães e os seus pais. No fim do primeiro mês, nas reuniões de domingo à noite, o Salão Adventista passou a estar cheio, ou muito adornado, de visitantes. Aos Sábados, passou a funcionar a Escola Sabatina, que me nomeou Secretário, mas, nesse ano de 1912, não devia ter mais de seis membros, até ao regresso da família Rentfro dos Estados Unidos da América.

A evangelização da cidade do Porto continuou, depois, da forma habitual e com sucesso. Como resultado, uma distinta senhora e a sua sobrinha



Pr. Clarence E. Rentfro.

(a minha gentil professora de piano) e outra senhora, esposa de um General na reforma (que chorava a morte de um filho, Tenente do Exército na Campanha do Batalhão de Paiva Couceiro), receberam cuidados especiais e amáveis do trio Adventista (Dias Gomes, Alberto de Figueiredo e Rentfro), tendo aceitado a mensagem e sido batizadas na Ponte da Pedra, que ficou como local de batismos Adventistas durante largos anos. Por essa altura também, outra respeitável senhora recebeu a mensagem e foi batizada, tendo iniciado uma série de batismos na sua família e sendo a antepassada do nosso particular amigo e irmão Dr. Henrique João Faro. A seguir houve mais dois batismos. O de um rapaz afilhado do meu pai (A. Pinho) e o meu, em pleno inverno, nas águas do Rio Leça, na Ponte da Pedra. Eu estava atacado de gripe e os meus pais desejavam que o batismo fosse

adiado. Mas o Diretor Rentfro, que deveria ir ao Conselho de Inverno da Divisão, em Gland (na Suíça), queria levar alguma boa notícia sobre a bênção divina na Obra em Portugal e teimou em realizar os batismos. Tivemos que mergulhar nas águas frias do Rio Leça, a que se seguiu uma enérgica fricção com álcool que o meu pai me deu. Assim, no início de 1913, iniciei a minha existência como “membro do Adventismo Português”. E não penso mudar de Igreja Cristã!

Logo a seguir, o Diretor Rentfro pensou em estabelecer uma casa de reuniões noutro bairro do Porto e escolheu a Rua 9 de Julho. O responsável era o Auxiliar Dias Gomes e eu era o acompanhante musical das reuniões. A casa ficou repleta de senhoras peixeiras, que encheram a sala e toda a casa do perfume do peixe. Destas destacou-se uma distinta senhora, acompanhada de uma filhinha que aceitou a fé Adventista, tendo também sido batizada no Rio Leça. Por vezes, ainda me lembro daquelas duas amáveis almas.

1913. No outono de 1913, o Diretor Rentfro pensou em estabelecer outro Centro de Evangelização em Portugal e combinou que seria em Viana do Castelo. Talvez por saber que a minha mãe era da Freguesia de Meadela, junto daquela cidade, enviou o meu pai para tentar arranjar casa em Viana, de modo a abrir uma sala de reuniões, o que aconteceu na rua que ia da Praça da República para a Senhora da Agonia. O senhorio era um comerciante de móveis, cujo estabelecimento era no rés-do-chão. Assim, no primeiro andar estabeleceu-se uma boa sala de reu-

niões. O evangelista escolhido foi Alberto de Figueiredo, que se devia juntar ao meu pai nesse esforço de evangelização de Viana e arredores. E a Escola Sabatina de Viana do Castelo começou a funcionar no segundo trimestre de 1914. Membros, éramos quatro!

1914. Mas, em agosto de 1914, iniciou-se a I Guerra Mundial e o Diretor Rentfro comunicou, de chofre, aos obreiros (Figueiredo e Gomes) que, com a guerra, seria impossível receber dinheiro da nossa União (Sul-Europeia) situada na Suíça. Portanto, havia que suspender as nossas atividades evangelizadoras. Apesar de nunca ter havido realmente essa suspensão financeira, o meu pai desligou-se do trabalho e ficámos sozinhos em Viana do Castelo, vivendo com a simples pensão de reforma dos Correios do meu pai. O arrendamento da casa ficou sem efeito, mas o senhorio, por simpatia, arrendou-nos a trapeira do prédio para nossa habitação. No entanto, teríamos que ficar fechados toda a noite das 19 horas até às oito horas do dia seguinte... Nesse ínterim, pedi que me arrandassem uma atividade comercial. Fiquei como caixeiro numa loja de fazendas. Posteriormente, os meus pais encontraram um prédio rústico, que passou a ser o nosso lar em Viana, tendo eu aí iniciado e terminado o meu curso liceal, com bom aproveitamento. Na sequência disso, e por interferência do Pastor Paul Meyer, que nos tornou a receber como membros da congregação do Porto, fui convidado a ir estudar para o Seminário Adventista de Collonges-sous-Salève, junto a Genebra, na Suíça. Isto passou-se em 1919-1920.



Pr. Paul Meyer.

1923. Em 1923, regressei a Portugal e fui admitido como principiante nas atividades evangelizadoras Adventistas no nosso país, colaborando com o agora Diretor Paul Meyer, sendo Alberto Raposo o Secretário-Tesoureiro. No Porto estava como Pastor o amável irmão José Abella. A congregação de Lisboa estava localizada na Calçada do Cascão 15-1º, onde se realizava a Escola Sabatina, a maior de Portugal. No Porto, a congregação estava na Rua Latino Coelho, e havia um pequeno grupo de crentes em Portalegre. Nesta cidade, o interesse tinha sido suscitado por uma visita de Paul Meyer a uma idosa irmã (alojada por caridade no edifício da Igreja Evangélica) da família Robinson Silveira, e os membros preponderantes do grupo eram os membros da família Lourinho, cujo irmão mais novo, Manuel Lourinho, já era batizado e, entretanto, fora chamado para frequentar o Seminário de Collonges. A mensagem Adventista tinha sido transmitida a Manuel Lourinho por Isabel Ribeiro, que com a sua

irmã Marta (*irmãs do Pastor Pedro Brito Ribeiro*) eram primícias do trabalho de Paul Meyer. Este grupo ficou, entretanto, sob a responsabilidade amável de uma enfermeira-obreira bíblica, a Enfermeira Sofia Pires (*tia-avó do falecido Pastor José Júlio Pires, esposo da professora e assistente pastoral Maria Augusta Pires*), que cursara a nossa Escola de Enfermagem de Gland, na Suíça.

Portanto, além das congregações de Lisboa, do Porto e do grupo de Portalegre, nada mais havia, a não ser a minha família em Viana do Castelo. Entretanto, a construção da Sede da Igreja Adventista em Lisboa, na Rua Joaquim Bonifácio 17, chegou ao fim e o novo Diretor da Igreja Adventista em Portugal, o Pastor Jules-César Guenin, ocupou-se da evangelização com uma série de Conferências Públicas, tendo eu sido dispensado do trabalho em Lisboa e enviado para Portalegre, onde havia já uma Escola Sabatina que funcionava com os membros já citados. No dia imediato ao de uma reunião com os membros do Grupo Adventista em que fui apresentado, iniciei a procura de uma casa, com uma sala relativamente espaçosa para abrigar até umas 50 pessoas e, nessa procura, fui auxiliado pelas meninas Isabel Ribeiro e Marta Ribeiro e pela mãe de Manuel Lourinho e Júlio Lourinho. Comecei, então, a pensar como deveria fazer para me tornar simpático na sociedade portalegrense. Deus comunicou-me uma sugestão: “Sê útil aos Portalegrenses; tu talvez possas ajudar os respetivos estudantes, dando-lhes explicações das matérias liceais que tu conheces (sofrivelmente...)”. Pus um anúncio no jornal e apareceu-me um



Alguns membros da Igreja de Lisboa na década de 1920.

Da esquerda para a direita: Alda Raposo, Maria Helena Gomes, Amélia Natário, Isaías Gomes, Felismina Raposo, Arnaldo Raposo, Júlio Moreira, Fernando Raposo, João de Sá, Alberto Raposo, António Ferraz, Dias Gomes, Irene Gomes, José Graça, Mário Bizarro, Laura Graça, Isabel Gomes, Ester Figueiredo, irmã Ramos; (sentadas) Adelaide Santos, Ofélia Fernandes, Sofia Pires, Mercedes Gomes e Alexandrina Ramos.

simpático farmacêutico (Ajudante de Farmácia) que precisava de oficializar o seu “*métier*”, mas a lei exigia-lhe o mínimo do 5º ano liceal. Pois ele tomou-me para seu explicador e arranjou-me mais dois empregados de farmácia, que se juntaram a ele para iniciarmos o nosso “combate” académico. As lições seriam dadas na Farmácia do Senhor Tavares, e ainda bem, porque se davam à volta de uma bela braseira que nos aquecia... No decurso de alguns meses, todos os membros daquela família, com esposa, pai e mãe dela e um só filhinho, tornaram-se meus amigos, e os outros dois empregados de farmácia contribuíram para me tornar conhecido na cidade. Quando publiquei convites de distribuição pública anunciando as dissertações (cujo título punha nesses convites) e, sobretudo, que elas eram “acompanhadas de projeções luminosas”, os 50 lugares da

nossa modesta sala ficaram ocupados de ouvintes atentos. Um dia, em que tive a visita de dois membros da União Suíça, abalancei-me, a medo, a anunciar duas dissertações no Teatro Popular, mas indo dizendo aos dois visitantes: “Pode ser que tenhamos algumas dezenas de Portalegrenses, mas também pode ser que não venham.” Mas eles estavam informados de que a pequena sala da nossa congregação estava sempre cheia e sorriram... Pois, de facto, o Teatro Popular estava à cunha quando nós, os três Adventistas, subimos ao estrado. E, coisa interessante: Estavam presentes os Professores das secções de línguas do Liceu, que foram tirar o pó do francês e do inglês nos seus ouvidos! Deus estava com o Seu servidor.

Três meses depois, os Pastores Guenin e Raposo fizeram uma visita à missão de Portalegre e comunicaram-

-me que o Pastor Guenin apresentara o pedido à central Adventista na Suíça para a sua transferência para França e ordenavam a minha passagem de Portalegre para Lisboa. Houve, porém, outras oportunidades na evangelização. Uma delas foi surgir em Portalegre um elemento da Juventude Adventista Portalegrense, chamado Eliseu Miranda, que conseguiu arrastar a Juventude Adventista para atividades evangélicas. Por duas vezes fui convidado a ir a Portalegre participar em reuniões públicas, que se realizaram numa sala da Antiga Fábrica de Tecelagem do Marquês de Pombal, a sua maior sala, que era pequena para conter o número de presenças nessas reuniões organizadas pela nossa Juventude. No decurso dos tempos, tivemos de alugar o Teatro de Portalegre, muito mais vasto do que o histórico Teatro Popular. A nossa sala de reuniões na Rua da Misericórdia, perto do Teatro Popular, tornou-se pequena para uma assistência muito superior a 50 pessoas e alugámos uma habitação na rua que vai do Rocio para a estação do caminho-de-ferro e que pertence à Fábrica dos Tecidos. Tendo isso criado um problema, porque foi contra a vontade do dono da fábrica (residente em Lisboa), logo nos mudámos para outro local, mais central, perto da estação dos Correios.

Na minha mudança para Lisboa, o meu encargo era a evangelização da cidade e pôr em ação o prédio da Joaquim Bonifácio. E assim foi. Anos decorreram e o nosso campo passou a ser a União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, compreendendo Portugal Europeu, Açores, Madeira, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. Aqui,

por toda a parte, a Escola Sabatina era uma importante atividade.

CANELAS. Vejamos o estabelecimento da igreja de Canelas (e da sua Escola Sabatina), uma bonita igreja de pedra e cal. Em ano cuja data não me ocorre, houve uma reunião de certa importância na cidade do Porto. Nela estiveram presentes o Presidente Olson, da Divisão, com sede na Suíça, o Presidente Gerber, da União Espanhola, com sede em Madrid, e o Chefe da Colportagem da nossa União, o Pastor Manuel Leal, que iria orientar os serviços de Colportagem, e ainda o Pastor Beach, Secretário da nossa Divisão. No culto de Sábado, e na respetiva Escola Sabatina, esteve presente um grupo avultado de membros da Freguesia de Canelas, que, finda a reunião, evidenciaram muito interesse em que eu e um representante da nossa Divisão fôssemos a Canelas, onde havia um grupo de interessados na Obra Adventista. Quando o Pastor W. Beach e eu próprio ali chegámos, estava um grupo numeroso de Amigos do Adventismo junto da casa rústica onde se reuniam aos Sábados, homens, mulheres e crianças. Terminados os cumprimentos, estando o tempo de bom cariz, teria o orador de subir para um carro de bois. Fui eu o escolhido. Galguei o carro e uma coisa é certa: Ter pregado um sermão com a mensagem Adventista em cima de um carro de bois ficou gravado na memória do Pastor Beach, assim como na minha.

O grupo dos nossos amigos de Canelas mostrou-nos, então, um grande quintal, que eles tinham escolhido para se edificar uma pequena igreja Adventista, se o irmão Secretário da

nossa Divisão estivesse de acordo. O Pastor Beach prontificou-se a ir observar o terreno e deu a sua aprovação.

Era o tempo do governo de Salazar e as Autoridades, que não Salazar (que, tenho a certeza e factos comprovativos, até simpatizava com os Adventistas), julgavam que pôr impecilhos aos Protestantes era do agrado dos Chefes do Estado Novo. Para construir a nossa capela de Canelas foi preciso apresentar uma petição em papel selado e aguardar deferimento. Perante a má vontade do Presidente da Câmara, que me fez um discurso contra o Protestantismo, lembrei-lhe que as forças evangélicas não são inimigas das forças da Nação, como provava o monumento em honra do Reverendo Cassels, falecido Pastor da forte Congregação Evangélica de Gaia, erigido no jardim junto à Ponte D. Luís. Finalmente o nosso requerimento foi deferido e edificou-se uma capela no local escolhido pelos nossos amigos de Canelas. E ela encheu-se de bons irmãos e irmãs, a tal ponto que, pouco tempo depois, o nosso saudoso missionário Eliseu Miranda, regressado de Angola, alargou a dita capela. Deus seja louvado pelas almas que nos concedeu em Canelas, onde, de certeza, a respetiva Escola Sabatina continuará a sua atividade pedagógica dentro dela.

A seguir no tempo foi a organização de uma igreja em Faro e em Vila Real de Santo António. Esta última fruto da oferta de um casal em que a esposa era uma fervorosa Adventista e o seu marido, embora não-Adventista, era uma alma gémea da mesma.

Tempos depois, em Tomar, estive a acompanhar a visita do Pastor Paul

Meyer ao Obreiro Fernando Simões, que ganhou ali algumas almas a cujo batismo tive o prazer de assistir no Rio Nabão, sempre bucólico. Nesse domingo da visita logo se organizou uma Escola Sabatina na casa de uma nossa boa irmã. Dessa igreja e dessa Escola Sabatina saíram muitos irmãos e irmãs, que vieram a ter destaque na história da Igreja. Destaco a irmã Lucelinda Godinho (*durante longos anos Secretária na União*) e a irmã Emília Lopes (*professora nas escolas da Igreja, poetisa e, mais tarde, vice-consulesa de Portugal em Nova Iorque*).

(A partir deste momento do seu relato, o Pastor A. Dias Gomes parou de contar a história da Escola Sabatina nacional e estende-se em considerações sobre o valor deste Departamento da Igreja.)

Dizem que a Escola Sabatina é o coração da Igreja e parece-me que se quer dizer que a Denominação ama a Escola Sabatina. Mas, mais importante do que o amor, é a função pedagógica, é o cultivo das ideias corretas da religião cristã. As verdades absolutas que, uma vez entradas na nossa máquina pensante, nunca mais dela saem. A esse conjunto de verdades absolutas (mas que não foram ainda confirmadas) deve dar-se o nome de “Fé”. “A Fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das que se não veem” (Hebreus 11:1). Parece, portanto, que a Lição da Escola Sabatina da Igreja Adventista do Sétimo Dia tem de ensinar verdades absolutas, ou seja, verdades claríssimas, assentes nas Sagradas Escrituras. O Professor ou



Alguns membros da igreja de Lisboa na década de 1930 (António Dias Gomes sentado ao centro).

Monitor da Escola Sabatina tem uma das funções mais úteis e mais indispensáveis dentro da sua igreja, e a hora da realização dessa Escola é a mais sagrada denominacionalmente.

Desejo resumir, finalmente, o que me parece essencial para qualquer Escola Sabatina em qualquer igreja e, sobretudo, em igrejas com o vulto da nossa igreja de Lisboa-Central:

1º. A Organização da Escola Sabatina fez-se para reproduzir o ensino das Sagradas Escrituras dentro de uma correta interpretação do respetivo texto.

2º. Portanto, as Sagradas Escrituras deveriam acompanhar sempre o crente cristão quando vai prestar culto a Deus na igreja. Aqui é de lembrar a resposta de Vasco da Gama ao Rei de Melinde, quando este lhe perguntou: “Onde estão os teus Livros Sagrados?”, ao que Vasco da Gama, atropalhado, respondeu: “Não os trouxe porque não necessitamos de os trazer, pois eles es-

tão dentro do nosso coração.” Embora isto possa ser verdade para nós, e mais valha ir à igreja sem Bíblia do que não ir, o ideal é que, sempre que lá vamos, nos façamos acompanhar por ela.

3º. A Escola Sabatina tem início cada Sábado na importantíssima Reunião dos Monitores ou Professores da Escola Sabatina. Esta reunião é indispensável não só para ministrar o ensino importante da Lição, mas também para aclarar algum ponto em que não haja unidade de opinião. Na dúvida, deverá ser ensinado só aquilo em que todos estejam em harmonia uns com os outros.

4º. Quando, após o hino e a oração, iniciemos a nossa lida académica, classicamente temos a muito útil Recapitulação da Lição do Sábado anterior, sujeita a perguntas e respostas de toda a Congregação.

5º. A Lição em classes não será o discurso do Monitor, que assim tratará de pôr em discussão os pontos mais

salientes, suscitando o interesse dos respetivos membros para esses pontos.

6º. Ao findar o trabalho letivo da Lição, o Monitor fará o registo das presenças, relembrará alguns ausentes, sobretudo os que saiba terem estado doentes. Acima de tudo, permaneça uma atmosfera de amizade fraternal.

7º. Grande importância tem o registo correto de todas as aulas da Escola Sabatina, pelo que a respetiva Ata deveria ser muito cautelosa-

te arquivada no registo da igreja. São documentos históricos de alto valor.

E finalizo estas histórias sobre as atividades da nossa Escola Sabatina, que muito me ensinou e continua a ensinar, declarando que é com prazer que continuo a estudar as Lições propostas no Trimensário, o mais útil material publicado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Lisboa, 18 de fevereiro de 1992.

PT

NOTÍCIAS NACIONAIS



Escolha eterna

27 MAI 2022 FILIPA REGO,
COORDENADORA DE JOVENS DA IASD DO CANIÇO

“Se vos parece mal servir ao Senhor, escolhei hoje a quem sirvais; [...] Eu e a minha casa serviremos ao Senhor.”

Estas palavras de Josué 24:15 acompanharam o ambiente de festa que se viveu no Sábado 21 de maio na igreja do Caniço. Duas preciosas almas decidiram manifestar publicamente a sua decisão de entregar o coração a Jesus, através do ato simbólico do batismo.

Lucas Correia, quarta geração de Adventistas, com 13 anos, estava seguro de que este é o caminho a seguir. Após um período de preparação e de estudo da Bíblia, reforçou o seu conhecimento doutrinal e aprofundou o seu relacionamento com Cristo.

Para o Anilton Correia, a trajetória foi ligeiramente diferente. Não tendo nascido na Igreja, chegou a frequentar um núcleo de Desbravadores durante a sua infância, mas na adolescência perdeu o contacto com a Igreja. Com 30 anos, redescobriu a Igreja Adventista do Sétimo Dia, aceitou estudar a Bíblia e a sua fé em Cristo renasceu.

Foi assim que a igreja do Caniço teve a alegria de acolher estes mais novos elementos no seu rol de membros, aliando-se à alegria vivida no Céu por estas decisões.

A cerimónia foi oficiada pelo Pr. Eurico Correia, pai do Lucas e irmão do Anilton. Que Deus possa continuar a dirigir os passos destes novos crentes e a fazer deles verdadeiros discípulos Seus.



Batismo em Carregal do Sal

6 JUN 2022 | SUATI FERNANDES, SECRETÁRIA DA IASD DE CARREGAL DO SAL

“Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo” (Apocalipse 3:20).

A irmã Fernanda Morais começou a frequentar a igreja em Carregal do Sal já a Pandemia tinha começado, pois tinha-se mudado para uma aldeia próxima para cuidar da sua mãe idosa. Apesar das condicionantes inerentes ao controlo da Pandemia e à sua dificuldade de deslocação por falta de transporte próprio, era com muita alegria que era recebida cada Sábado na igreja, quando uns irmãos a conseguiam ir buscar.

Esta irmã, que tinha pertencido a outra comunidade Adventista no nosso país, a dada altura da sua vida afastou-se dos caminhos do Senhor, mas, pela Sua graça, voltou a abrir o coração à Sua voz e decidiu entregar-Lhe novamente a sua vida, pedindo o rebatismo.

O Pastor Sidónio Lança acompanhou-a, relembrando alguns ensinamentos bíblicos e doutrinários, preparando-a desta forma para o dia do seu novo nascimento em Cristo.

Assim, o dia 28 de maio de 2022 foi um dia de muita alegria, tanto na IASD de Carregal do Sal, como no Céu, pois a irmã Fernanda Morais testemunhou publicamente o seu amor e a sua fidelidade a Jesus descendo às águas batismais.



Batismos nas Paivas

15 JUN 2022 | NUNO VENÂNCIO, PASTOR DA IASD DE PAIVAS

No passado Sábado, dia 4 de junho, a igreja das Paivas encheu-se de alegria, juntamente com os anjos no Céu, ao ver seis jovens entregarem-se a Jesus pela descida às águas batismais.

Foram necessários vários meses para que a Níria, a Gisela, o Stefan, o Gabriel, o Christian e o Ruben pudessem compreender quem era o seu amigo Jesus, através de estudos bíblicos.

Foi na tarde deste Sábado que o Pr. Nuno Venâncio dirigiu esta cerimónia batismal, na presença dos amigos, dos familiares e também dos membros das igrejas das Paivas e de Corroios. Embora os candidatos estivessem nervosos, a sua convicção e a sua fé eram inabaláveis.

Que o Senhor abençoe cada um destes jovens no seu percurso de fé e que o seu coração se fortaleça diariamente, até ao dia em que, juntos, nos reuniremos com Cristo na Pátria Celestial!

Envolver-se no
PROJETO ESPERANÇA 2022



1,90€



3D Discípulo
Venir e Segue-me

